

# Revista Adventista

Ano 77 · Nº 831 · €1,90

Agosto 2016

ΙΧΘΥΣ\*

## O Filho de Deus

*A Divindade de Jesus*

\*Iniciais em Grego da expressão "Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador".



### EVIDÊNCIAS DE UM CRIADOR

Argumentos para a existência de Deus.

06



### POR QUE RAZÃO ADÃO E EVA NÃO MORRERAM IMEDIATAMENTE?

Cumpriu-se a palavra de Deus?

22



### MENSAGEIRA DE DEUS

Ellen White ao serviço de Deus.

30



## CHAMADOS PARA SERVIR

*"De graça recebestes,  
de graça daí."  
Mateus 10:8.*

Unicamente os **métodos de Cristo** trarão **verdadeiro êxito** na aproximação ao povo. O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes **desejava o bem**. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a **confiança**. Ordenava então: **'Segue-me.'**

ELLEN G. WHITE, *BENEFICÊNCIA SOCIAL*, CPB, [S. D.], P. 60.

## "EIS QUE CEDO VENHO"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

### DIRETOR

António Rodrigues

### Chefe de Redação

Paulo Sérgio Macedo

### Coordenador Editorial

Paulo Lima

### Colaboradores de Redação

Manuel Ferro e Lara Figueiredo

### Projeto Gráfico e Diagramação

Sara Calado

### Fotografias Ilustrativas

© Shutterstock  
E-mail revista.adventista@pservir.pt

### PROPRIETÁRIA E EDITORA

Publicadora SerVir, S. A.

Diretor Carlos Simões Mateus

### Sede e Administração

Rua da Serra, nº 1 – Sabugo 2715-398 Almagem do Bispo Tel: 21 962 62 00 Fax: 21 962 62 01

### Controlo de Assinantes

Paulo Santos  
E-mail: assinaturas@pservir.pt Tel: 21 962 62 19

**Impressão e Acabamento** Jorge Fernandes, Lda.  
Charneca da Caparica

**Tiragem** 1500 exemplares

**Depósito Legal** Nº 1834/83

**Preço** Número Avulso €1,90

**Assinatura Anual** €19,00

*Isento de inscrição no E. R. C. – DR 8/99 artº 12º Nº 1a*  
ISSN 1646-1886

**Ilustração da Capa** © Shutterstock

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.



A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A..



ARTIGO DE FUNDO

## 10

### O Filho de Deus: A divindade de Jesus (Parte 1)

O que tem o Novo Testamento a dizer acerca da divindade de Jesus? Podemos afirmar biblicamente que Jesus é tão plenamente Deus como Deus, o Pai?



DEVOCIONAL

## 33

### O anjo do Natal

Cerca das 3:00 horas da fria madrugada de uma sexta-feira, em dezembro, eu estava a conduzir tão depressa quanto possível em direção ao Centro Médico de Foothills, que ficava a 10 minutos da minha casa.



BÍBLIA

## 24

### A Segunda Vinda e o tempo de angústia

Tenho ouvido expressar este sentimento: “Espero que Jesus não venha durante a minha vida. Eu nunca conseguiria passar pelo tempo de angústia!”

### 04 JESUS CRISTO É DIVINO

EDITORIAL

### 05 MEMO / BANCO DE LEITURA

### 18 NOTÍCIAS NACIONAIS

### 29 O ELO PERDIDO

ESPAÇO JUVENIL

## 06 EVIDÊNCIAS DE UM CRIADOR > TEOLOGIA

A precisão das forças cósmicas evidencia o poder criador e preservador de Deus.

## 09 LITERALISTAS BÍBLICOS > REFLEXÃO

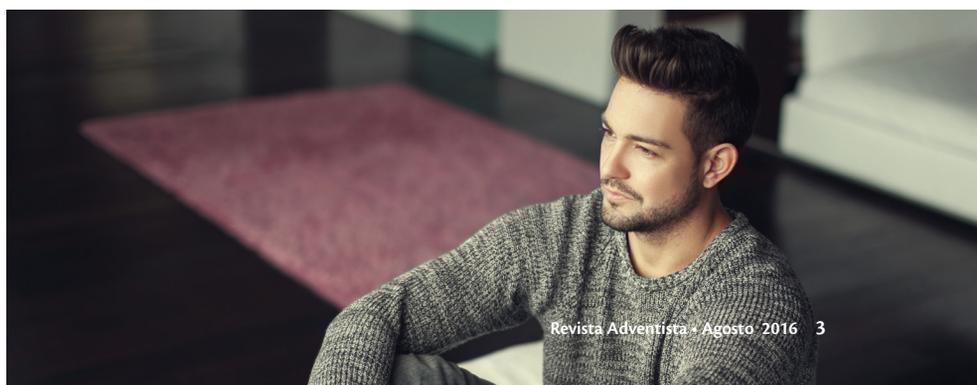
Uma troca de impressões recente com um jovem Adventista que se queixava “do literalismo bíblico e do fundamentalismo à solta na nossa Igreja” fez-me pensar.

## 22 POR QUE RAZÃO ADÃO E EVA NÃO MORRERAM IMEDIATAMENTE? > INTERPRETANDO AS ESCRITURAS

Antes de Adão e Eva poderem ser aprovados para a eternidade, a sua lealdade tinha de ser testada.

## 30 MENSAGEIRA DE DEUS > ESPÍRITO DE PROFECIA

Ellen nem imaginava que essa carta seria a primeira de milhares de cartas, artigos, panfletos e livros escritos por ela durante os setenta anos seguintes, até à sua morte em 1915.





# Jesus Cristo é divino

“Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucuras; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente” (I Coríntios 2:14).

Tal como o apóstolo Paulo escreveu, por vezes é muito difícil ao homem natural compreender as coisas de Deus. Em resultado disso, o homem inventa teorias completamente erróneas apenas para satisfazer os seus intentos. A compreensão da divindade de Jesus Cristo é algo que transcende qualquer ser humano. A primeira grande verdade que deveríamos aceitar é que Jesus tem duas naturezas, a divina e a humana. Apenas aqueles que usufruem da presença do Espírito Santo na sua vida, pela fé, aceitam, mesmo sem compreender totalmente, a dimensão poderosa e misteriosa da Deidade Trina. A Igreja Adventista do Sétimo Dia acredita e ensina que Jesus é completamente humano e completamente divino. Em Colossenses 2:9, o apóstolo Paulo escreveu: “Nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade.” Mas enquanto viveu nesta Terra, Cristo fê-lo plenamente como humano, não tendo feito uso da Sua divindade, pois apenas assim seria o exemplo perfeito para a Humanidade pecadora. No entanto, gostaria de lembrar o texto de João 1:14: “E o Verbo se fez carne, e habitou

entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade.” Jesus nem sempre foi homem, mas sempre foi Deus. Jamais poderia ter havido algum tempo no passado em que Ele Se tenha tornado Deus. A irmã White escreveu no seu livro *Mensagens Escolhidas*, vol. I, p. 296, o seguinte: “N'Ele estava a vida, e a vida era a luz dos homens' (João 1:4). Não é a vida física que é aqui especificada, mas a imortalidade, a vida que é exclusivamente propriedade de Deus. O Verbo, que estava com Deus e era Deus, possuía essa vida. A vida física é algo que todo o indivíduo recebe. Não é eterna ou imortal; pois Deus, o doador da vida, toma-a outra vez. O homem não tem domínio sobre a sua vida. A vida de Cristo, porém, não era de empréstimo. Ninguém pode arrebatá-la essa vida. 'Eu de mim mesmo a dou' (João 10:18), disse Ele. N'Ele havia vida, original, não tomada por empréstimo, não derivada. Essa vida não é inerente ao homem. Ele só a pode possuir mediante Cristo.” Conhecendo Deus a complexidade do tema, Ele revelou através de toda a Bíblia que Jesus não é um ser criado, mas é Deus junto de Deus, o Pai, e junto de Deus Espírito Santo. O apóstolo Tomé, ao ver Jesus ressuscitado, disse: “Senhor meu e Deus meu!” (João 20:28.) Pode ser difícil para alguns aceitar a existência de um Deus Trino, mas

a verdade é que Deus é composto por três Pessoas distintas: Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Cada um deles é uma Pessoa, mas partilham exatamente a mesma natureza divina. Só pela fé poderemos compreender este maravilhoso Deus Trino. Tendenciosamente, algumas pessoas querem compreender o que jamais poderá ser compreendido agora, e, por isso, Paulo escreveu: “Mas, como está escrito: As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam” (I Coríntios 2:9). Se não entendermos a verdade sobre a Trindade, cometeremos um grave erro sobre a verdadeira identidade do nosso Salvador. Se acreditarmos que Jesus Cristo não é divino ou que o Espírito Santo também não é, estamos a incorrer numa heresia. “Se alguém ensina alguma outra doutrina, e se não a conforma com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo, e com a doutrina que é segundo a piedade, é soberbo, e nada sabe, mas delira acerca de questões e contendas de palavras, das quais nascem invejas, porfias, blasfêmias, ruins suspeitas, perversas contendas de homens corruptos de entendimento, e privados da verdade, cuidando que a piedade seja causa de ganho; aparta-te dos tais” (I Timóteo 6:3-5). ✦

• **Pr. António Rodrigues**,  
presidente da UPASD

## MEMO

### DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

#### agosto

02-10	Acampamento Nacional de Famílias
03-13	Impacto
21-28	Camporee Nacional de Desbravadores

#### setembro

17	Dia de Sensibilização para a Não Violência/ Formação em Liderança (Ministérios da Mulher)
17	Dia do Desbravador
23-25	Encontro de Comunicação
24	Dia das Visitas da Escola Sabatina

### COMUNIDADE DE ORAÇÃO



#### agosto

01-05	Publicadora <i>Advent Verlag</i> (SU)
08-12	Associação da Suíça Franco-Italiana (SU)
15-19	Universidade Adventista de Friedensau (EUD)
22-26	Casa Publicadora <i>Saatkorn</i> (EUD)

#### setembro

05-09	Associação da Baixa Saxónia (NGU)
12-16	Seminário Teológico Sazava (CSU)
19-23	Associação da Suíça Alemã (SU)
26-30	Fundação Adventista para o Desenvolvimento na Alemanha (EUD)

ANTENA 1 RTP2

### FÉ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 15h30 // ANTENA 1, a partir das 22h47

08/08	Segunda-feira
29/08	Segunda-feira
19/09	Segunda-feira

### CAMINHOS

RTP2, às 11h // ANTENA 1, a partir das 06h

28/08	Domingo
-------	---------

Estes horários de emissão podem ser alterados pela RTP2 sem aviso prévio.



BANCO DE LEITURA

# O Enigma do Sofrimento

Georges Stéveny

Muitas páginas têm sido escritas em torno do chamado problema do sofrimento. Este deixa-se enunciar de forma muito simples: Se existe um Deus sumamente bom, todo-poderoso e onisciente, e se foi esse Deus que criou o nosso mundo, por que razão existe nele o sofrimento? Esta questão tem sido a



principal arma de arremesso intelectual usada pelos ateus de todos os tempos contra os crentes teístas. É verdade que a questão que envolve o enigma do sofrimento é complexa e pode deixar-nos, por vezes, perplexos. No entanto, existem respostas ou, pelo menos, esboços de resposta. Georges Stéveny procura dar uma resposta ao antiquíssimo problema do sofrimento.

Ele reconhece o seu caráter enigmático, como revela o título que escolheu para o seu ensaio filosófico-teológico. Mas isso não significa que Stéveny tenha desistido de encontrar respostas. Ele começa por abordar o sofrimento universal, o sofrimento útil e o sofrimento incompreensível. Depois, discorre a fundo sobre um caso de estudo do sofrimento na Bíblia: o caso de Job. Discute em seguida o papel de Satanás na origem do sofrimento e deixa perceber a necessidade de conhecermos bem o Deus que faz face ao sofrimento. Stéveny tematiza também a atitude de Jesus face ao sofrimento, destacando a Sua solidariedade com os que sofrem. O autor deste livro não deixa de sublinhar que o próprio Jesus foi “um varão de dores”, que conheceu em primeira mão o que significa sofrer física e psiquicamente. Georges Stéveny encerra então o seu livro discorrendo sobre o valor da oração como lenitivo e reação espiritual face ao sofrimento. Depois de lermos este ensaio podemos não ficar na posse da resposta definitiva para o problema filosófico-teológico do sofrimento, mas certamente teremos encontrado muita matéria para reflexão. Assim, se o Leitor deseja conhecer as linhas de força de uma resposta Cristã Adventista para o problema do sofrimento, este pequeno ensaio de 167 páginas poderá ser-lhe extremamente útil. ☞

**Paulo Lima**

**Redator da Revista Adventista**

*A precisão das forças cósmicas  
evidencia o poder criador  
e preservador de Deus.*

# Evidências de um Criador

Astronaut in space, floating against a backdrop of a colorful nebula and stars. The Earth is visible in the lower-left corner.

**E**ra um dia quente de junho de 2009. Depois de ter percorrido os corredores que conduzem da Basílica de São Pedro à Capela Sistina, encontrava-me, com centenas de outros turistas, encostado a uma das paredes, olhando para cima. Contemplávamos as maravilhosas pinturas de Miguel Ângelo, que, a mais de vinte metros de altura, adornam a famosa abóbada, joia da arquitetura do Renascimento. Os meus olhos fixaram-se na criação de Adão e no detalhe que mostra o dedo de Deus quase a tocar o indicador da Sua primeira criatura humana. Evidentemente, Miguel

Ângelo deu expressão artística à crença, aceite durante toda a história da religião cristã, de que Deus é o criador dos seres humanos e do nosso mundo. No entanto, como resultado da influência bem-sucedida do racionalismo sobre a mentalidade do mundo ocidental, essa crença foi abandonada por muitos. Deus foi “destronado” como Criador.

Se aceitar Deus como Criador exige o exercício da nossa fé, esta não foi deixada sem evidências suficientes sobre as quais se apoiar. Neste artigo propomo-nos apresentar-lhe algumas delas, dado que, de facto, há evidências da existência de um Criador!

## **Evidências no macro-cosmos**

**O princípio antrópico.** A precisão assombrosa das forças cósmicas, também denominadas constantes físicas do Universo, evidenciam o poder criador e preservador de Deus. O estado atual do Universo e o facto de que existe vida no mundo tal como a conhecemos, requer que estas constantes se ajustem a valores extremamente precisos; pois a variação mais pequena resultaria num Universo incapaz de albergar vida. O que é certo é que o Universo está cuidadosamente afinado para sustentar a vida que nele existe. A Ciência descobriu e continua a estudar es-

tas propriedades especiais que, no seu conjunto, foram denominadas “o princípio antrópico” (do grego *anthropos*, “ser humano”), indicando assim que, desde o seu início, o Universo foi inteligentemente preparado para receber os seres humanos. As constantes mais conhecidas são:

- A força da gravidade<sup>1</sup> e da gravitação universal.<sup>2</sup>
- A força elétrica e a força magnética (eletromagnetismo).
- A força nuclear forte<sup>3</sup> e a força nuclear fraca.<sup>4</sup>

**A produção do carbono.** O carbono é o elemento sobre o qual se baseiam todas as formas de vida conhecidas. Além de fazer parte da sua constituição, os organismos vivos absorvem-no da atmosfera. Pois bem, duas destas forças físicas, a força nuclear forte e a força eletromagnética, cooperam eficientemente entre si para a produção do carbono (sem o qual a vida não seria possível) num processo tão preciso que é impossível que ocorra por mero acaso ou por puro azar. O facto é que a mudança mais pequena em alguma destas forças alteraria os níveis adequados de energia necessários para produzir o carbono e, como resultado, o nosso mundo não seria apto para a vida. É evidente que um Projetista Inteligente planificou o mundo, ao preparar um ambiente propício para a vida. O nosso Planeta é amigo da vida. E na revelação que Deus faz de Si mesmo na Sua Palavra escrita, a Bíblia, Ele identifica-Se como o Grande Projetista Inteligente, Criador da vida e de tudo o que existe.

**A precisão da gravidade.** A força da gravidade tem que ser exatamente a adequada para que possamos manter-nos vivos e para que os Planetas e as estrelas existam. E não apenas para que existam, mas também para que

se mantenham atraídas umas pelas outras, unidas em constelações e agrupadas em galáxias. Se a força da gravidade fosse apenas um pouco mais forte do que é, os átomos de todos os elementos que existem no nosso Planeta colar-se-iam uns aos outros, formando massas ou cachos de coisas, em lugar de formar organismos individuais e estrelas ou Planetas separados. E se a gravidade fosse apenas um pouco mais fraca do que é, os átomos espalhar-se-iam tão amplamente que não permitiriam a subsistência de organismos vivos, nem de estrelas, nem de Planetas, nem de galáxias. Deus afirma na Bíblia que Ele “atou” as constelações, entre elas as Plêiades e Órion, de tal modo que se mantêm unidas pelo poder do Criador, que conhece as leis que regem os céus. Considere as Suas perguntas: “Por acaso podes atar os laços das Plêiades ou desatar as cordas que sujeitam Órion? Podes fazer com que as constelações saiam a tempo? Podes guiar a Ursa Maior e a Menor? Conheces as leis que regem os céus? Podes estabelecer o meu domínio sobre a terra?” (Job 38:31-33.)

**As leis que governam o Oceano.** O que ficou anteriormente dito aplica-se também às leis que regem o Oceano. A Bíblia afirma, sem entrar em detalhes científicos, que Deus “encerrou o mar”

dentro de limites. Deus, mediante a interação das forças constantes do Universo, atribui a Si mesmo o controlo das ondas e das marés do Oceano. O Criador pergunta: “Quem encerrou o mar com portas quando este brotou do ventre da terra? Ou quando estabeleci os seus limites e nas suas portas coloquei ferrolhos? Ou quando lhe disse: só até aqui podes chegar; daqui não passarão as tuas orgulhosas ondas” (Job 38:8, 10 e 11).

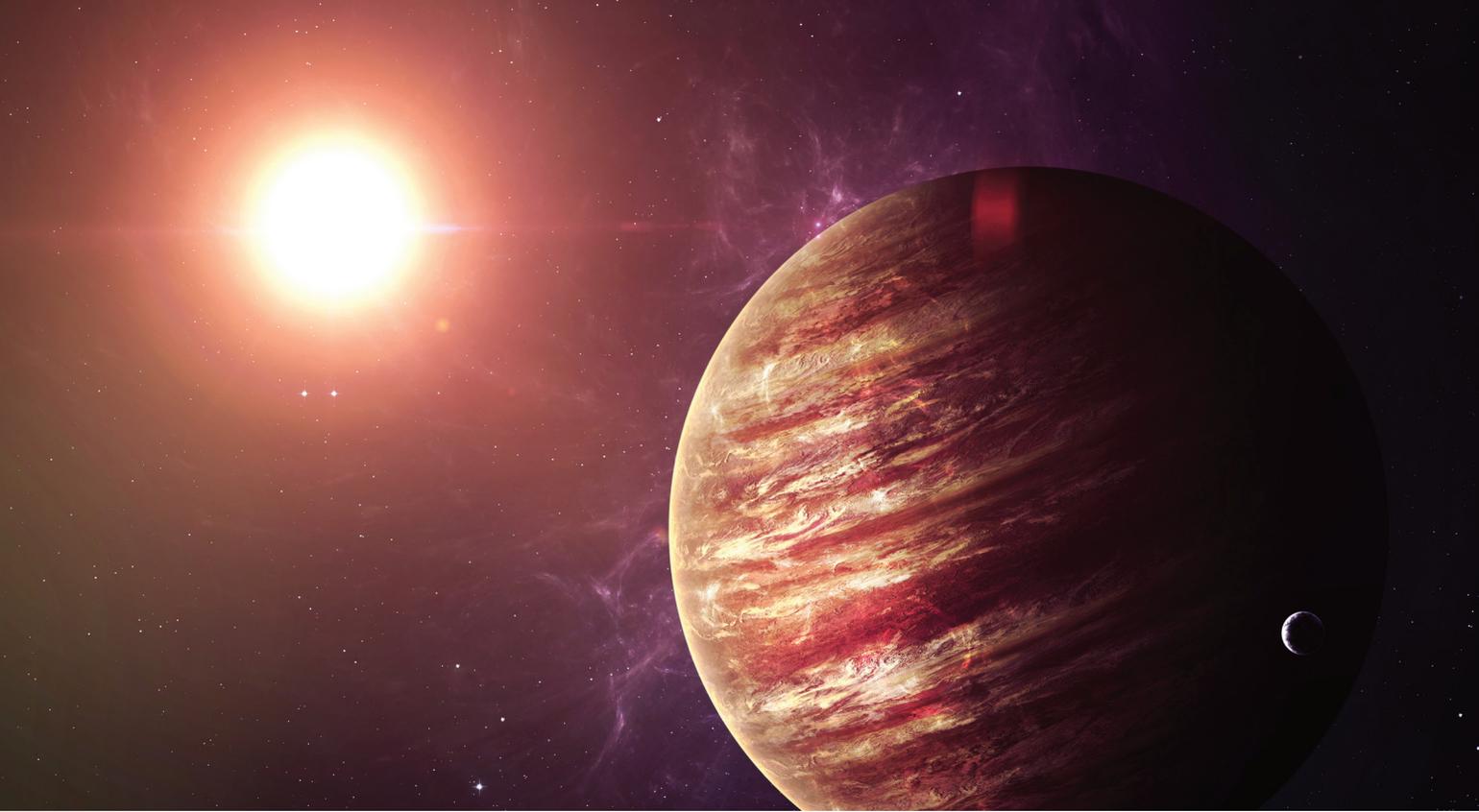
Mudar ou alterar qualquer uma destas constantes, no mínimo que fosse, conduziria a um mundo sem vida, sem água em estado líquido e sem as combinações químicas que tornam possível a nossa existência e sobrevivência.

### **Outras constantes universais**

#### **A distância da Terra ao Sol.**

Se esta distância fosse menor, a vida como a conhecemos não seria possível, devido à intensidade do calor. Se fosse maior, o resultado seria igualmente negativo, devido à intensidade do frio. É evidente que a distância que nos separa do Sol – aproximadamente cento e cinquenta milhões de quilómetros – foi medida e estabelecida por um Projetista inteligente e um Criador amoroso, de maneira suficientemente precisa para que a nossa





vida na Terra não fosse apenas possível, mas também agradável.

**A rotação da Terra.** A rotação da Terra sobre o seu próprio eixo, aproximadamente cada vinte e quatro horas, é outra evidência de designio inteligente. Não apenas garante a estabilidade dos dias e das noites. Também contribui para o equilíbrio dos Oceanos e, conseqüentemente, do clima e de outros processos que facilitam a nossa existência no Planeta. Diferentemente de um pião lançado por um menino, que gira sobre o seu próprio eixo e logo se detém, a rotação constante da Terra evidencia a fidelidade de Quem a criou e a mantém em movimento para nosso bem.

**A posição de Júpiter.** A posição de Júpiter, o maior de entre os Planetas do Sistema Solar, tem sido compreendida como sendo “estratégica” para a proteção da Terra. Ele cumpre uma função de “irmão maior”, dado que com a sua grande massa atrai e desvia meteoritos e outros objetos provenientes

do Espaço exterior, que, de outra forma, poderiam ter um impacto perigoso no nosso Planeta. Para o observador cuidadoso, esta é outra evidência de um Criador inteligente, providente e amoroso.

**A velocidade da luz.** Por que razão a velocidade da luz é a que é? A luz é fonte de vida, mas constatou-se que, se ela se deslocasse no Espaço a uma velocidade maior do que trezentos mil quilômetros por segundo, as estrelas seriam demasiado luminosas para que a vida na Terra pudesse existir. E se essa velocidade fosse menor, as estrelas não seriam suficientemente luminosas para que a vida no nosso Planeta fosse possível. Este é outro fator que, sem palavras, fala a favor da glória e da sabedoria de um Criador que, no princípio, disse: “Haja luz! E houve luz” (Gén. 1:3).

Todos estes parâmetros, leis e medidas do nosso Universo são realidades que ficam bem expressas nas palavras do salmista David: “Os céus manifestam a glória

de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos. [...] Sem linguagem, sem fala, ouvem-se as suas vozes em toda a extensão da terra e as suas palavras até ao fim do mundo” (Sal. 19:1, 3 e 4).

### Conclusão

A Criação dá evidências abundantes do seu Criador. Afirma-se na revelação bíblica: “Porque desde a criação do mundo as qualidades invisíveis de Deus, quer dizer, o seu eterno poder e a sua natureza divina, se percebem claramente através do que ele criou, de modo que ninguém tem desculpa” (Rom. 1:20). ¶

• **Marco T. Terreros**  
Professor de Teologia

1. No contexto do nosso Planeta, não sendo restringida a ele, a gravidade é a força com que todos os objetos são atraídos para o centro da Terra.

2. Em virtude da qual os corpos atraem-se mutuamente em proporção direta ao produto das suas massas respetivas e em proporção inversa ao quadrado das distâncias que os separam.

3. Mantém unidos tanto os prótons como os neutrões no núcleo do átomo.

4. Atua em partículas subatómicas e manifesta-se nos processos de radiação.

# Literalistas bíblicos

Uma troca de impressões recente com um jovem Adventista que se queixava “do literalismo bíblico e do fundamentalismo à solta na nossa Igreja” fez-me pensar. E foi isto que pensei:

Êxodo 20:11 diz: “Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou.” Soa como uma leitura bastante literalista e fundamentalista de Génesis 1 e 2, não é?

“Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva; e Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão” (I Tim. 2:13 e 14). Isto é uma interpretação de Génesis que não pode ser mais literalista. Paulo deveria ter lido Bultmann ou, já agora, Tillich. Se o tivesse feito, nunca teria escrito que “no entanto, a morte reinou, desde Adão até Moisés, até sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão, o qual é a figura daquele que havia de vir” (Rom. 5:14; veja também I Cor. 15:22). Paulo não apenas conecta um Adão literal a um Jesus literal, mas o contexto em Romanos 5 amarra essa conexão ao Plano da Salvação, uma doutrina crucial que nós compreendemos no sentido mais literal: nós somos seres caídos que têm diante de si a destruição eterna ou a vida eterna – literalmente!

“Pela fé, Abel ofereceu a Deus maior sacrifício do que Caím, pelo qual alcançou testemunho de que

era justo, dando Deus testemunho dos seus dons, e, por ela, depois de morto, ainda fala. Pela fé, Enoque foi trasladado, para não ver a morte, e não foi achado, porque Deus o trasladara; visto que, antes da sua trasladação, alcançou testemunho de que agradara a Deus” (Heb. 11:4 e 5). Parece que o autor de Hebreus acreditava que estas pessoas eram reais e que o relato bíblico das suas histórias era verdadeiro.

“E [Deus] não perdoou ao mundo antigo, mas guardou a Noé, pregoeiro da justiça, com mais sete pessoas, ao trazer o dilúvio sobre o mundo dos ímpios” (II Ped. 2:5). Será que Pedro, um profeta e um apóstolo, poderia ter, de facto, aceitado a história de Noé tal como ela se lê em Génesis?

É claro que, se alguém sabia como interpretar a Bíblia, essa pessoa era Jesus. Era Ele um literalista bíblico, igual àqueles de que o meu jovem amigo se queixou? Bem, Jesus realmente disse: “E, como foi nos dias de Noé, assim será, também, a vinda do Filho do homem. Porquanto, assim como nos dias anteriores ao dilúvio, comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca. E não o perceberam, até que veio o dilúvio e os levou a todos, assim será, também a vinda do Filho do homem” (Mateus 24:37-39). Jesus não só acreditava na história de Noé; Ele deu-lhe um significado teológico acrescido ao ligá-la à Segunda Vinda, uma doutrina crucial que nós interpretamos no sentido mais literal possível.

“Ele [Jesus], porém, respondendo disse-lhes: Não tendes lido que aquele que os fez, no princípio, macho e fêmea os fez, e disse: Portanto, deixará o homem pai e mãe, e se unirá a sua mulher, e serão dois numa só carne? Assim, não são mais dois, mas uma só carne” (Mat. 19:4-6). Eis um uso bastante literalístico da história da Criação, uso que procede do próprio Jesus, não é?

“Pois, como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia, assim estará o Filho do homem três dias e três noites no seio da terra” (Mat. 12:40). Jesus não apenas acreditava na história de Jonas, como a ligava diretamente à Sua ressurreição, outra doutrina crucial que os Adventistas interpretam literalmente.

Nós gostamos de dizer que a Bíblia se interpreta a si mesma e que, pelo estudo da Bíblia, podemos aprender a interpretá-la corretamente. E embora possamos trazer sempre alguma bagagem pessoal, algumas pressuposições pessoais, para tudo o que fazemos, incluindo a hermenêutica bíblica, os exemplos que citei mostram que estes autores bíblicos – até mesmo o próprio Jesus (que chega até nós por intermédio de autores bíblicos) – interpretaram as Escrituras literalmente.

Se foi assim que eles fizeram, não parece bastante razoável que façamos o mesmo, apesar do queixume do meu jovem amigo? 🌿

• **Clifford Goldstein**

Editor do Manual da Escola Sabatina

## PARTE 1

# O Filho *de* Deus

## A DIVINDADE DE JESUS

Entre as diversas heresias que abalaram a Igreja desde a sua fundação, as mais sérias foram certamente as que estavam relacionadas com a natureza de Jesus Cristo. As discussões ao redor deste tema não só perturbaram a Igreja Cristã durante os séculos iniciais, como continuam a perturbá-la hoje. De facto, uma das heresias que surgiu no início do quarto século foi suscitada por Arius, um presbítero da igreja de Alexandria. O Arianismo consistia em considerar Jesus como uma mera criatura, negando-Lhe assim a posse de uma natureza divina e afirmando que teria havido um tempo, na eternidade,

em que Ele não existia. No entender de Arius, apenas o Pai era, em essência, verdadeiramente Deus. A heresia ariana foi combatida no Concílio de Niceia realizado no ano 325 da nossa era, mas nunca chegou verdadeiramente a morrer. Ela foi sendo ressuscitada pelos movimentos antitrinitários que surgiram no seio da Cristianidade ao longo da história da Igreja Cristã, sendo defendida hoje pela Igreja Unitarista e, de forma mais destacada, pelas Testemunhas de Jeová. Ora, é importante para o fortalecimento de uma verdadeira fé em Jesus Cristo como o nosso divino Salvador que analisemos com alguma profundidade os fundamentos bíblicos da tese que

Lhe atribui a posse de uma essência divina. Devemos perguntar: O que tem o Novo Testamento a dizer acerca da divindade de Jesus? Podemos afirmar bíblicamente que Jesus é tão plenamente Deus como Deus, o Pai?

Para encontrarmos resposta para estas importantes questões, iremos analisar com alguma profundidade o testemunho do Novo Testamento acerca da natureza divina de Jesus. Neste primeiro artigo, estudaremos os textos neo-testamentários que aplicam a Jesus o substantivo “Deus”, interpretaremos as passagens do Novo Testamento que afirmam que Cristo é ontologicamente Deus e analisaremos duas perícopes que

caracterizam Jesus como sendo o Deus Criador. Assim, para começarmos a nossa discussão deste importante tema, vamos abordar os textos em que Jesus é chamado “Deus”.

### **Jesus é chamado “Deus” no Novo Testamento**

No Novo Testamento, a palavra “Deus” (*theos*, em grego) é quase sempre usada para designar Deus, o Pai. No entanto, existem exceções. De facto, em alguns textos do Novo Testamento o termo “Deus” é aplicado a Jesus. Para além de João 1:1 e Hebreus 1:8, passagens que estudaremos mais adiante, os textos em que Jesus é chamado “Deus” são os seguintes: Tito 2:13, II Pedro 1:1, Romanos 9:5, João 1:18 e João 20:28. Analisemos em pormenor estes cinco textos.

O primeiro texto encontra-se em Tito 2:13 e é da autoria de Paulo. Vejamos o que o texto diz no seu contexto. “Pois manifestou-se a graça de Deus por todos os seres humanos, instruindo-nos para que, renunciando à impiedade e aos desejos mundanos, vivamos sensata e justa e piedosamente no presente século, aguardando a bendita esperança e a manifestação “da glória do nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo, o qual se deu a si mesmo por nós, a fim de nos libertar de toda a iniquidade e purificar para si mesmo um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras” (Tito 2:11-14). Neste texto, Paulo combina duas palavras – “Deus” e “Salvador” – para caracterizar Jesus. Poder-se-ia objetar que a referência ao “grande Deus” não se aplica a Jesus, mas a Deus, o Pai. No entanto, esta objeção não é válida devido às seguintes razões. Em primeiro lugar, o texto grego usa apenas um artigo para

os substantivos “Deus” e “Salvador”. A designação “nosso grande Deus” tem um artigo definido e a designação “Salvador Jesus Cristo” não tem qualquer artigo. Isto mostra que ambos os termos – “Deus” e “Salvador” – são predicados do mesmo ser, isto é, de Jesus Cristo. De facto, existe uma regra da gramática grega – formulada pela primeira vez pelo filólogo helenista Granville Sharp, em 1798 – que diz o seguinte: quando o *kai copulativo* (o nosso “e”) liga dois substantivos do mesmo caso, se o artigo precede o primeiro substantivo e não é repetido antes do segundo substantivo, então este último refere-se sempre à mesma pessoa que é expressa ou descrita pelo primeiro substantivo. Isto significa que, na citação do texto de Tito, o “grande Deus e Salvador” é a mesma pessoa: Jesus Cristo.<sup>1</sup> Em segundo lugar, a atribuição da divindade a Jesus por parte de Paulo nesta passagem da Epístola a Tito harmoniza-se perfeitamente com a caracterização que o apóstolo faz de Jesus em Colossenses 2:9 e em Filipenses 2:6 e 7, pois, como veremos mais adiante, nestas passagens

**PODEMOS  
AFIRMAR  
BIBLICAMENTE  
QUE JESUS  
É TÃO  
PLENAMENTE  
DEUS COMO  
DEUS, O PAI?**

ele atribui claramente a Cristo a posse da essência divina.<sup>2</sup> Em terceiro lugar, o termo “manifestação” (*epiphaneia*, em grego) nunca é usado por Paulo como predicado de Deus, o Pai, ou da Sua glória. Este termo é sempre aplicado para caracterizar a Segunda Vinda de Cristo (e.g., I Timóteo 6:14; II Timóteo 4:1, 8).<sup>3</sup> Em quarto lugar, o contexto definido pelo versículo 14 não faz qualquer referência a Deus, o Pai, mas apenas a Jesus enquanto Salvador voluntário da Humanidade.<sup>4</sup> Assim, podemos concluir que, em Tito 2:13, o apóstolo Paulo refere-se a Jesus usando o substantivo “Deus”.

Outro texto em que o termo “Deus” é aplicado a Jesus é a passagem de II Pedro 1:1. Este texto apresenta uma estrutura gramatical semelhante à da passagem da Epístola de Tito que acabámos de analisar. Pedro escreveu o seguinte: “Simão Pedro, escravo e apóstolo de Jesus Cristo, aos que receberam fé tão preciosa como a nossa na justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo.”

É evidente neste texto que o apóstolo Pedro atribui a Jesus a designação combinada de “Deus e Salvador”. Em termos gramaticais, esta forma de expressão usada por Pedro é semelhante à expressão que vimos ser utilizada por Paulo em Tito 2:13. Portanto, aplica-se também ao texto de Pedro o princípio gramatical grego que foi enunciado pela primeira vez por Granville Sharp e que referimos anteriormente. A construção gramatical de II Pedro 1:1 exclui a possibilidade de se interpretar a expressão “nosso Deus e Salvador Jesus Cristo” como referindo-se a duas pessoas distintas. Portanto, podemos concluir que Pedro, no versículo inicial da sua Segunda Epístola, declara claramente que Jesus Cristo é o “nosso Deus e Salvador”.<sup>5</sup>

Um terceiro texto que identifica Jesus como “Deus” encontra-se na Epístola aos Romanos 9:5. O texto diz o seguinte: “Dos quais são os pais e dos quais é o Cristo, segundo a carne, *o qual é sobre todos Deus bendito por todas as eras*, amém.” Esta passagem contém uma das expressões mais claras da crença de Paulo na divindade de Jesus. Antes de mais, temos que notar que, ao afirmar que Cristo pertence ao povo judeu “segundo a carne”, Paulo está também a afirmar implicitamente que Cristo não deve todo o Seu ser aos Seus antepassados Judeus, mas tem também uma outra natureza que não é “segundo a carne”. Esta segunda natureza é identificada por Paulo como sendo a natureza divina própria de Cristo, pois Este é “Deus bendito por todas as eras”. De facto, esta frase é uma afirmação clara da divindade de Jesus, que contrasta com a Sua humanidade aludida anteriormente. Assim, Paulo afirma claramente que Jesus Cristo, um Judeu “segundo a carne”, é também o “Deus bendito por todas as eras”. O apóstolo estabelece assim uma significativa antítese para que os seus leitores apreendam a totalidade complexa da natureza de Cristo. Note-se igualmente que não existe artigo definido antes do substantivo “Deus” (*theos*), facto que estabelece uma unidade entre os termos “Cristo” e “Deus bendito”.<sup>6</sup> Além do mais, ao afirmar que Jesus é o “Deus bendito por todas as eras”, Paulo não só atribui a Jesus a posse da essência divina, como declara que Jesus é eterno. De facto, devendo ser “bendito por todas as eras”, Jesus não pode deixar de ser eterno.<sup>7</sup> A tentativa dos Unitarianos de escaparem ao testemunho claro deste texto, afirmando que se

trata de uma doxologia dirigida a Deus, o Pai, não é sustentável. Com efeito, nas doxologias presentes nas Escrituras Sagradas a palavra “bendito” *precede* o nome de Deus sobre quem é invocada a bênção (e.g., Salmos 68:35; 72:18). O próprio Paulo respeita esta regra na doxologia presente em Efésios 1:3. Mas em Romanos 9:5 o termo “bendito” (*eulogêtos*) surge *depois* do substantivo “Deus”. Portanto, a frase final de Romanos 9:5 não é uma doxologia, mas é uma afirmação factual de que Cristo, um Judeu “segundo a carne”, é “sobre todos Deus bendito por todas as eras”. Até porque o contexto da passagem de Romanos 9:5 não dá azo a que fosse inserida uma doxologia, enquanto a afirmação da grandeza divina de Jesus surge claramente como o clímax do argumento paulino que pretende mostrar o grande privilégio da raça judaica em estar na origem do Cristo divino. Note-se também que esta afirmação de Paulo – de que Jesus é “Deus bendito” – não é contrária à sua doutrina, já que o apóstolo afirma claramente, em Filipenses 2:6 e em Colossenses 2:9, que Jesus Cristo possui a natureza divina.<sup>8</sup>

O quarto texto do Novo Testamento que identifica Jesus como “Deus” foi redigido por João e encontra-se no Evangelho de João 1:18. Podemos traduzir o original grego da seguinte forma: “Nunca ninguém viu Deus; o único Deus que está no seio do Pai, esse o revelou.” Este texto marca o clímax do Prólogo que abre o Evangelho de João e refere-se a Jesus. Note-se que a tradução que apresentamos tem em linha de conta o facto de os mais antigos e mais fidedignos manuscritos gregos, em que se baseia o Texto Crítico do Novo Testamento, apresentarem nesta

frase a leitura “*monogenes theos*” (“único Deus”) em vez da leitura “*monogenes huios*” (“único Filho”) do Texto Recebido. De facto, o aparato crítico do Novo Testamento grego mostra que testemunhas muito antigas e fidedignas, como as dos papiros P66 e P75, do *Códex Sinaiticus*, e do *Códex Vaticanus*, entre outros, apresentam a leitura “*monogenes theos*” (“único Deus”). Assim, o Comité de edição do texto crítico do Novo Testamento Grego decidiu conferir a esta leitura um B, a segunda nota mais elevada de fidedignidade.<sup>9</sup> Também é evidente que a leitura “único Deus”, em João 1:18, vem resumir numa só frase as teses de João 1:1 e João 1:14, isto é, que “O Verbo era Deus” e que Ele era também “o [Filho] único do Pai”.<sup>10</sup> Assim, temos em João 1:18 uma das mais diretas e mais incontestáveis aplicações do termo “Deus” a Jesus no Novo Testamento, pois o contexto revela claramente que o “único Deus” que está no seio do Pai e que o revelou é Jesus Cristo.<sup>11</sup>

Finalmente, o quinto texto neo-testamentário em que o termo “Deus” é aplicado a Jesus encontra-se em João 20:28: “Respondeu Tomé e disse-lhe: Senhor meu e Deus meu!” Este texto conta-se entre aqueles que mais claramente identificam Jesus como Deus. Convidado a tocar nas feridas de Jesus para abandonar a sua descrença na ressurreição de Cristo, o céptico discípulo Tomé profere uma forte declaração de fé, confessando Jesus como o seu Senhor e o seu Deus. Note-se que esta confissão de fé foi plenamente aceite por Jesus (cf. João 20:29). Ele teria certamente censurado o Seu discípulo caso este tivesse cometido um erro de apreciação sobre a natureza do seu Mestre. Portanto, Jesus valida implicitamente a correção da

declaração de Tomé.<sup>12</sup> Esta confissão do discípulo é o ponto culminante do Evangelho de João. Note-se que as palavras de Tomé não são uma mera exclamação de surpresa dirigida a Deus, o Pai, como pretendem os Unitarianos. Com efeito, o texto de João deixa claro que o discípulo dirige-se diretamente a Jesus, pois João declara que Tomé “respondeu” a Jesus e “disse-lhe” (*eipen autô*) o que lhe ia na alma ao fazer a sua declaração de fé.<sup>13</sup>

Os cinco textos do Novo Testamento que acabámos de analisar não foram escritos por apenas um autor, mas são o testemunho combinado de vários discípulos de Jesus. De facto, podemos analisar textos da autoria de João, de Pedro e de Paulo. Todos eles concordam em aplicar a Jesus o termo “Deus”, reconhecendo assim que Ele possuía uma natureza divina. Ora, a atribuição de uma tal natureza a Jesus é o principal aspeto de dois textos paulinos que iremos estudar em seguida.

### **Jesus é ontologicamente Deus**

O primeiro texto em que Paulo atribui a Jesus a posse da essência divina encontra-se em Colossenses 2:9 e diz o seguinte: “Porque nele habita toda a plenitude da divindade corporalmente.” Para compreendermos este texto em toda a sua profundidade, devemos ter presente que a palavra grega que traduzimos por “Divindade” é *theotês*. Este termo significa “Deidade” ou “Divindade”, isto é, a essência própria de Deus. Note-se que Paulo poderia ter usado um termo aparentado para caracterizar a “plenitude” (*plêrôma*) que habitava em Jesus. Este termo era *theiotês*, que se refere apenas às características divinas. No entanto, enquanto *theotês* – o termo usado por Paulo em Colossenses – significa a “essência divina”, *theiotês* significa apenas os “atributos divinos” ou as “perfeições divinas”. De facto, Paulo usa *theiotês* em Romanos 1:20 para designar os atributos ou as qualidades de Deus que são claramente

perceptíveis na contemplação do mundo criado por Ele. Mas, em Colossenses 2:9, o apóstolo usa o termo *theotês* para caracterizar a essência de Jesus como sendo verdadeiramente a essência de Deus revelada corporalmente em toda a plenitude num ser humano. Portanto, ao usar propositadamente a palavra grega *theotês*, Paulo estava a afirmar intencionalmente que Jesus possui como Sua a própria essência de Deus. Jesus e Deus, o Pai, têm a mesma essência. Assim, Jesus não é apenas semelhante a Deus, mas é Deus no seu pleno sentido. É nesse sentido que habita n'Ele toda a plenitude da Divindade. Por “plenitude” (*plerôma*) da Divindade deve-se entender a soma essencial de tudo aquilo que Deus é: a Sua onnipotência, a Sua omnisciência, a Sua perfeição moral, o Seu poder criador. Segundo Paulo, tudo isto está “corporalmente” em Jesus. Ainda que existindo em forma humana desde a Sua encarnação, Jesus é plenamente Deus.<sup>14</sup>



Outro texto paulino que atribui a Jesus a posse da essência divina encontra-se em Filipenses 2:5-7. Este texto pode ser traduzido do seguinte modo: “De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, o qual, encontrando-se em forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus como um roubo, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de escravo, tornando-se semelhante aos homens.” Nesta passagem Paulo apresenta uma das mais profundas reflexões sobre a plena natureza divina de Jesus encontradas no Novo Testamento. Para a compreendermos temos, primeiro, de perceber o que o apóstolo quis dizer ao afirmar que Jesus inicialmente Se encontrou “em forma de Deus” (*en morphê theou*). O que significa aqui a palavra “forma” (*morphê*)? Na Filosofia grega do tempo de Paulo a “forma” era a expressão dos atributos essenciais que determinam o que um ente é. A “forma” é a essência genuína de um determinado ente. De facto, Paulo usa nas suas epístolas termos derivados de *morphê* para descrever a mudança essencial de coração que leva o homem a tornar-se numa nova criatura (cf. Romanos

8:29; Gálatas 4:19; II Coríntios 3:18; Filipenses 3:10). Portanto, quando Paulo nos diz que Jesus tinha inicialmente a “forma de Deus” e veio a adotar a “forma de escravo”, de modo a tornar-Se semelhante aos homens, ele quer dizer que Cristo possuía originalmente os atributos essenciais de Deus e veio a assumir também os atributos essenciais do homem através da Sua encarnação. Ele era em essência Deus e tornou-Se também em essência homem. Assim, esta atribuição da “forma de Deus” a Jesus coloca-O em igualdade ontológica com Deus, o Pai.<sup>15</sup> Esta conclusão é reforçada pelo sentido da frase seguinte, que diz que Jesus “não considerou ser igual a Deus como um roubo, mas esvaziou-se a si mesmo”. Esta frase deve ser interpretada em duas fases. Primeiro, vejamos o sentido dos termos “um roubo”, que é a tradução de uma só palavra grega, a saber: “*harpagmos*.” Este termo grego aparece apenas aqui no Novo Testamento e apenas uma vez em toda a literatura helenística, isto é, no capítulo 120 da obra de Plutarco intitulada *De educatione puerorum*. Em Plutarco ele significa claramente “o ato de se apoderar de algo que não é

seu”. De facto, o verbo correspondente *harpazô*, utilizado diversas vezes na literatura helénica, significa “apoderar-se” ou “agarrar violentamente”. O contexto da passagem paulina que estamos a analisar indica também que este é o sentido para o termo “*harpagmos*” em Colossenses 2:6. Em segundo lugar, a frase “ser igual a Deus” (*to einai isa theô*) aplicada a Jesus significa que Ele possuía uma essência idêntica à de Deus. E Ele possuía tal essência porque Se “encontrava em forma de Deus” antes da Sua encarnação. Assim, Jesus é colocado por Paulo em pé de igualdade com Deus, o Pai, no que diz respeito ao Seu estatuto ontológico.<sup>16</sup> Portanto, podemos interpretar da seguinte forma a passagem de Filipenses 2:5-7. “Encontrando-se em forma de Deus” antes da Sua encarnação, isto é, possuindo perfeitamente a essência divina, Jesus não considerou o “ser igual a Deus como um roubo”, exatamente porque Ele era, em essência, igual a Deus. No entanto, no processo da encarnação, Jesus “esvaziou-se a si mesmo” dos Seus atributos divinos ao tomar a forma humana. Ele colocou-os temporariamente de lado para poder assumir a essên-

cia humana. Assim, fica claro que, em Filipenses 2:5-7, Paulo declara por duas vezes que Jesus é ontologicamente Deus, pois Aquele que é em essência igual a Deus deve, naturalmente, ser Deus.

### Jesus é o Deus Criador

O Novo Testamento apresenta ainda duas passagens em que Jesus surge claramente caracterizado como sendo o Deus Criador. Estes textos são da autoria de João e de Paulo. Vejamos primeiro o texto do apóstolo João. Este faz a sua extraordinária declaração sobre a divindade de Cristo no primeiro versículo do seu Evangelho. O texto grego pode ser traduzido da seguinte forma: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus” (João 1:1). O termo “Verbo” traduz o substantivo grego “*Logos*”. O *Logos* é um conceito que surge na Filosofia grega desde Heráclito, sendo por este usado para denotar o princípio que mantém a ordem no mundo. Os filósofos estoicos também usavam este conceito para designar a “alma do mundo”, que era o princípio de ordem do Universo. Na verdade, eles atribuíam ao termo *logos* um duplo sentido na sua filosofia. O *logos* podia ser o “pensamento imanente” (*logos endiathetos*) ou a “palavra” que expressava esse pensamento (*logos prophoricos*). O pensamento hebreu contemporâneo de João também usava o conceito “Palavra” de um modo peculiar, relacionando-o com Deus. Com efeito, nos *Targumim* – as traduções tradicionais do Antigo Testamento em aramaico, usadas nas sinagogas dos primeiros séculos da nossa era –, o nome de Deus é frequentemente substituído pela frase aramaica *membra-Jah*, que significa “a Palavra do Senhor”. Por exemplo, o *Targum de Onkelos* – o mais an-

# JOÃO, PEDRO E PAULO CONCORDAM EM APLICAR A JESUS O TERMO "DEUS".

tigo dos *Targumim* – substitui em muitas passagens o nome divino *Iahweh* por “a Palavra do Senhor” e o substantivo *Elohim* (“Deus”) por “a Palavra de Deus”, sendo que o Anjo de *Iahweh* que surge em várias perícopes do Antigo Testamento também é designado como sendo “a Palavra do Senhor”. Assim, os Judeus contemporâneos de João estavam acostumados a estabelecer uma associação entre Deus e a Palavra, fazendo desta o agente da revelação divina. Desse modo, embora João possa ter pretendido fazer uma aproximação ao pensamento grego sobre o “*logos*”, certamente não erraremos se afirmarmos que a origem do conceito joanino do “*logos*” se encontra essencialmente no interior do pensamento hebreu. Para João, o *logos* vai tornar-se numa hipóstase distinta de Deus, em união e em relação com Ele. O *logos* será para o apóstolo a expressão incarnada do pensamento de Deus, o Pai. De facto, o versículo inicial do Evangelho de João faz três afirmações sobre o Verbo (isto é, sobre o *Logos*). A primeira afirmação refere-se ao horizonte temporal da existência do Verbo.

Ao afirmar que “no princípio era o Verbo”, João está a declarar a eternidade do Verbo. Com efeito, a referência ao “princípio” (*en archê*) remete-nos para o princípio da criação do universo referido em Génesis 1:1. Ora, quando tudo começou – “no princípio” – o Verbo já existia. O Verbo não começou a existir no “princípio”, mas nesse momento inicial do tempo Ele já “era” (*ên*). Portanto, o *Logos* existia eternamente, antes de o tempo começar. João afirma aqui a contínua, intemporal e ilimitada existência de Jesus antes da Sua encarnação. Ele não é uma mera criatura, pois já existia na eternidade antes de as criaturas terem sido criadas.

A segunda afirmação diz respeito à relação do Verbo com Deus. Se o Verbo já existia no princípio, sendo eterno, qual era a Sua relação com Deus? João afirma que o Verbo estava junto de Deus (*pros ton theon*). A partícula grega *pros* implica não apenas a existência de alguém junto de outro, mas sobretudo a existência de um relacionamento interpessoal. Há uma relação pessoal entre o Verbo e Deus. Logo, o Verbo que está num tal relacionamento com Deus deve ter uma personalidade separada, pois, caso contrário, não seria possível a existência de um relacionamento interpessoal. Dado o que ficou dito atrás sobre a eternidade do Verbo, podemos concluir que a relação interpessoal que existe entre o Verbo e Deus existe desde a eternidade. O Verbo não está apenas desde a eternidade na presença de Deus, mas está desde sempre estreitamente associado com Deus.

A terceira afirmação concerne a atribuição da essência divina ao Verbo. De facto, o Verbo é distinto de Deus, e, no entanto, “o Verbo era Deus”. Note-se que,

aqui, o Verbo não é Deus, o Pai, pois, nesse caso, teria que existir um artigo definido antes do termo “Deus”, mas esse artigo não se encontra presente no texto. Também não é dito que o Verbo era apenas “um deus”, pois tal é incompatível com o estrito monoteísmo Judeo-Cristão. De facto, se o Verbo fosse simplesmente “um deus”, isso significaria que haveria dois tipos diferentes de deus. Ora, isto é contrário à clara afirmação monoteísta de Isaías 43:10 e 11, onde Deus diz que “antes de mim deus nenhum se formou, e depois de mim nenhum haverá”. Na verdade, apesar de não ser usado um artigo definido antes da palavra “Deus”, esta tem, ainda assim, um sentido definido. No Grego é frequente que a ausência do artigo sirva para enfatizar a qualidade expressa pela palavra que está a ser usada. Neste caso, com esta construção gramatical, João pretende afirmar que o Verbo possuía a essência divina, isto é, que Ele era Deus como o Pai. A ideia transmitida pelo substantivo *Theos*, tomado qualitativamente, é a seguinte: O Verbo tem todos os atributos e todas as qualidades de Deus. O que significa que o Verbo partilha a essência de Deus, o Pai, embora seja uma outra Pessoa. Assim, João nega simultaneamente que o Verbo seja apenas um deus entre muitos e que Ele seja o Deus, isto é, Deus, o Pai. Ora, sendo Deus, o Verbo é o Criador do mundo (João 1:3). Portanto, o apóstolo João considera que Jesus é Deus Criador juntamente com Deus, o Pai.<sup>17</sup>

A outra passagem que caracteriza Jesus como Deus Criador encontra-se em dois versículos do primeiro capítulo da Epístola aos Hebreus. Vejamos o primeiro deles. “O qual, sendo o resplendor da sua glória e a marca da sua

substância, e sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, tendo feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade nas alturas” (Hebreus 1:3). Paulo está aqui a referir-se a Jesus Cristo, na Sua relação ontológica com Deus, o Pai. De facto, ele começa por dizer que Jesus é “o resplendor da glória” (*apaugasma tês doxês*) de Deus. Isto significa que a natureza da pessoa de Jesus na sua relação com a natureza de Deus é semelhante à relação essencial que existe entre um corpo luminoso que emite luz e os raios de luz que dele procedem. Na medida em que a glória de Deus é a expressão de todos os atributos essenciais que Ele possui, e dado que Jesus é o resplendor dessa glória, concluímos que a essência de Jesus é idêntica à essência de Deus, o Pai. No entanto, tal como a luz irradiada é distinta do corpo luminoso que a irradia, também Jesus é uma Pessoa distinta de Deus. Depois, o apóstolo afirma que Jesus é a “marca da substância” (*charactêr tês hupostaseôs*) de Deus. O que significa isto? Por “marca” (*charactêr*), Paulo tem em mente a impressão ou a marca feita por um instrumento

## PARA O APÓSTOLO PAULO, JESUS É O DEUS CRIADOR EM IGUALDADE COM DEUS, O PAI.

de gravar. Por exemplo, a marca impressa numa moeda, que define o seu valor, ou a marca do selo sobre a cera, que lhe confere identidade. Assim, *charactêr* é a marca que define a identidade de algo ou de alguém. Já *hupostasis* significa literalmente “o que está por baixo”. Este termo era usado na Filosofia grega do tempo de Paulo para significar a substância de um determinado ente, isto é, aquilo que fazia esse ente ser dessa forma bem determinada, estando na base dos seus atributos essenciais. Assim sendo, podemos concluir que Paulo considera que a essência de Jesus é idêntica à essência de Deus, o Pai, pois Jesus tem em Si a “marca da substância” do Pai. Não há nada no Pai que não esteja reproduzido no Filho. Pai e Filho partilham a mesma “substância” ou essência divina.<sup>18</sup> O outro versículo de Hebreus que nos indica a natureza divina de Jesus encontra-se em Hebreus 1:8. Este versículo pode ser traduzido do seguinte modo: “Por outro lado, acerca do Filho diz: O teu trono, Deus, subsiste pelo século do século e o cetro da retidão é o cetro do teu reino” (Hebreus 1:8). Neste texto, Paulo está a citar o Salmo 45:6. Este Salmo foi escrito para celebrar a ocasião do casamento de um rei de Israel, provavelmente Salomão. O Salmo em questão foi usado nos serviços litúrgicos do Templo de Jerusalém, e era, sem dúvida, considerado pelos crentes judeus como sendo também uma profecia messiânica. De facto, sabemos que a interpretação messiânica deste Salmo é muito antiga, pois ela está já presente na *Septuaginta* do segundo século antes de Cristo e nos *Targumim* que chegaram até ao primeiro século da nossa era. Note-se que, no Salmo, o substantivo “Deus” é



aplicado ao rei. Na tradução grega da *Septuaginta* – que o autor de Hebreus usa na sua citação – é claro que “Deus” é usado na forma nominativa (*ho theos*), mas com um sentido vocativo, para se referir ao rei. Ora, ao aplicar este texto messiânico a Jesus, Paulo não está apenas a argumentar no sentido de mostrar que Cristo é o Messias referido pelo Salmo 45. Ele está também a usar este texto vetero-testamentário para provar que Jesus Cristo é Deus. Segundo Paulo, neste Salmo profético, o próprio Deus, o Pai, está a dirigir-Se solenemente a Jesus, o Filho, chamando-O “Deus”, e declarando que o Seu trono dura eternamente. Portanto, temos aqui a mais solene e a mais forte prova escriturística apresentada por Paulo, em Hebreus, de que Jesus Cristo possui a essência divina, isto é, que Ele é Deus.<sup>19</sup> Note-se que Paulo, em seguida, cita o Salmo 102:25-27 para atribuir a Jesus a função de Criador do mundo (Hebreus 1:10). Portanto, para o apóstolo, Jesus é o Deus Criador, em igualdade com Deus, o Pai.

### Conclusão

Neste primeiro artigo, analisamos os textos do Novo Testamento que atribuem diretamente a Jesus a essência divina. Vimos que Jesus é chamado “Deus” pelos escritores neo-testamentários, vimos que Ele é considerado por

Paulo como sendo ontologicamente Deus e vimos também que Ele é identificado por João e por Paulo como sendo o Deus Criador, em igualdade com Deus, o Pai. Num próximo artigo iremos continuar a estudar o testemunho do Novo Testamento sobre a divindade de Jesus Cristo, analisando outros textos cruciais que mostram, sem margem para dúvidas, que o Filho de Deus é plenamente Deus. ✦

• **Paulo Lima**

Editor da Revista Adventista

1. Woodrow Whidden, Jerry Moon & John W. Reeve, *The Trinity*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 2002, pp. 37 e 38. Max Hatton, *Understanding the Trinity*, Alma Park Grantham: Autumn House, 2001, pp. 43 e 44.
2. Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 1980, vol. 7, p. 367.
3. Robert Jamieson, A. R. Fausset & David Brown, *Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible*, Grand Rapids, MI: Zondervan, [s.d.], p. 433. A. C. Hervey, Titus (The Pulpit Commentary, vol. 48), London/New York: Funk & Wagnalls, [s.d.], p. 27.
4. *Ibidem*.
5. Woodrow Whidden, Jerry Moon & John W. Reeve, *The Trinity*, p. 38. R. H. Strachan, *The Second Epistle General of Peter* (The Expositor's Greek Testament, vol. 5), Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1951, p. 123. B. C. Caffin, *II Peter* (The Pulpit Commentary, vol. 50), London/New York: Funk & Wagnalls, [s.d.], p. 2. Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, p. 595.
6. R. E. Loasby, “The Godhead of Jesus Christ”, *The Ministry*, vol. XXVII, nº 9, setembro 1954, pp. 19 e 20. James Denney, *St. Paul's Epistle to the Romans* (The Expositor's Greek Testament, vol. 2), Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1951, p. 658.
7. Woodrow Whidden, Jerry Moon & John W. Reeve, *The Trinity*, p. 39.
8. Robert Jamieson, A. R. Fausset & David Brown, *Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible*, p. 245. J. Barmby, *Romans* (The Pulpit Commentary, vol. 43), London/New York: Funk & Wagnalls, [s.d.], pp. 263 e 264.
9. Bruce Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, 2<sup>nd</sup> ed., Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2000, pp. 169 e 170.
10. H. R. Reynolds, *The Gospel of St. John* (The Pulpit

Commentary, vol. 39), London/New York: Funk & Wagnalls, [s.d.], vol. 1, p. 24, nota 1.

11. Woodrow Whidden, Jerry Moon & John W. Reeve, *The Trinity*, pp. 54 e 55.

12. Raoul Dederen, “Christ: His Person and Work” in *Handbook of Seventh-day Adventist Theology*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000, p. 168. Woodrow Whidden, Jerry Moon & John W. Reeve, *The Trinity*, p. 58. Max Hatton, *Understanding the Trinity*, p. 41.

13. Marcus Dods, *The Gospel of St. John* (The Expositor's Greek Testament, vol. 1), Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1951, p. 866. H. R. Reynolds, *The Gospel of St. John*, p. 478.

14. Woodrow Whidden, Jerry Moon & John W. Reeve, *The Trinity*, pp. 39 e 40. Max Hatton, *Understanding the Trinity*, p. 46. Robert Jamieson, A. R. Fausset & David Brown, *Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible*, p. 376. A. S. Peake, *The Epistle to the Colossians* (The Expositor's Greek Testament, vol. 3), Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1951, p. 523. G. G. Findlay, *Colossians* (The Pulpit Commentary, vol. 47), London/New York: Funk & Wagnalls, [s.d.], p. 86. Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, p. 202. R. E. Loasby, “The Godhead of Jesus Christ”, pp. 20 e 21.

15. B. C. Caffin, *Philippians* (The Pulpit Commentary, vol. 47), London/New York: Funk & Wagnalls, [s.d.], p. 59. Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, p. 154. Woodrow Whidden, Jerry Moon & John W. Reeve, *The Trinity*, p. 41. H. A. A. Kennedy, *The Epistle to the Philippians* (The Expositor's Greek Testament, vol. 3), Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1951, pp. 435 e 436.

16. Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, pp. 154 e 155. B. C. Caffin, *Philippians*, pp. 59 e 60. H. A. A. Kennedy, *The Epistle to the Philippians*, pp. 436 e 437. Robert Jamieson, A. R. Fausset & David Brown, *Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible*, p. 363.

17. Marcus Dods, *The Gospel of St. John*, pp. 683 e 684. H. R. Reynolds, *The Gospel of St. John*, p. 5-7. Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, pp. 896-898. Robert Jamieson, A. R. Fausset & David Brown, *Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible*, p. 127. Max Hatton, *Understanding the Trinity*, pp. 48-50. Raoul Dederen, “Christ: His Person and Work”, p. 167. Woodrow Whidden, Jerry Moon & John W. Reeve, *The Trinity*, pp. 58-65.

18. Marcus Dods, *The Epistle to the Hebrews* (The Expositor's Greek Testament, vol. 4), Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1951, pp. 250 e 251. J. Barmby, *Hebrews* (The Pulpit Commentary, vol. 49), London/New York: Funk & Wagnalls, [s.d.], pp. 4 e 5. Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, pp. 396 e 397.

19. Woodrow Whidden, Jerry Moon & John W. Reeve, *The Trinity*, pp. 24 e 25. Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, p. 399. J. Barmby, *Hebrews*, pp. 14 e 15. Marcus Dods, *The Epistle to the Hebrews*, pp. 255 e 256.

## "UM NOVO HORIZONTE COM SENTIDO" EM ALMADA

**Paulo Lima**  
 Editor da Revista Adventista

Entre os dias 14 e 21 de maio realizou-se na igreja Adventista do Sétimo Dia de Almada a campanha de evangelização "Um novo horizonte com sentido". Foi com alegria que constatámos a participação massiva dos membros da igreja neste esforço evangelístico. Foram distribuídos 1500 convites por toda a cidade de Almada e foram enviadas 150 cartas com convite para pessoas que já haviam anteriormente tido um contacto com a nossa igreja e das quais conhecíamos o endereço postal. Foram igualmente convidadas as pessoas que estão a ser apoiadas pela ADRA Almada. Criámos também um evento no *Facebook* para divulgar a campanha, tendo algumas centenas de pessoas aderido ao mesmo. Graças ao bom naipe de cantores de que a igreja de Almada dispõe, pudemos



contar sempre com um momento especial de apelo no fim de cada palestra, momento esse protagonizado por vários grupos e por diversos solistas dispostos a transmitir as boas-novas também através da voz e da música. As oito palestras foram proferidas pelo signatário destas linhas, tendo sido impressionante a adesão da igreja. Nos dois sábados e no domingo contamos com uma média de 65 pessoas presentes por noite. Durante os dias de semana a média de presenças foi de 55 pessoas. Tendo em conta

que, embora o número oficial de membros inscritos da igreja de Almada seja de 123 pessoas, a média de membros presentes ao sábado é de 85 pessoas, podemos ficar felizes com o interesse na campanha demonstrado pelos membros da igreja de Almada. Penso que a explicação para esta realidade reside no tema escolhido para as palestras. Ao contrário das palestras tradicionais, que se debruçam sempre sobre as doutrinas Adventistas que os membros já conhecem, as palestras desta campanha de 2016 ti-

nam as parábolas de Jesus como tema. O seu objetivo era partilhar os ensinamentos de Jesus comunicados através das Suas parábolas mais significativas. Ora, isto não poderia deixar de interessar os nossos membros. Daí a sua adesão em grande número. Mas nem todos os presentes eram membros da nossa igreja. Tivemos também um número significativo de visitas. Durante toda a semana houve uma média de 6 visitas, sendo 9 as visitas que estiveram presentes na palestra de domingo. Cada uma destas visitas é preciosa aos olhos de Deus, pelo que estamos já a elaborar planos para dar seguimento ao interesse na mensagem Adventista por elas demonstrado. Como orador e organizador da campanha "Um Novo Horizonte com Sentido", em Almada, resta-me agradecer o empenho e o brio demonstrados por todos os membros da equipa da campanha. Tenho a certeza de que Deus recompensará abundantemente cada um deles. ✨

## BATISMO EM COIMBRA

**Carlos Santos**  
 Dep. de Comunicação  
 da IASD de Coimbra

A tarde de sábado, 7 de maio, foi característica de uma primavera chuvosa e fria. Assim também foram as horas que antecederam o momento em que, ao pôr-do-Sol de sexta-feira, os portais deste santo Templo do Senhor se abriram. O facto de as nuvens terem impedido que o Sol brilhasse no céu durante todo o dia não impediu a igreja de Coimbra de assistir, pela

graça de Deus, a mais uma cerimónia batismal. Aque-la hora de tempo solene foi presidida pelo Pr. José Lagoa. Este examinou o conhecimento da doutrina bíblica que a jovem Suzanne Calandrini havia adquirido, graças aos estudos bíblicos que lhe foram ministrados, durante cerca de sete meses, pela Obreira Bíblica, a irmã Maria del Cármen Silva. A jovem Suzanne Calandrini é natural do Brasil e está a concluir este ano o Mestrado em Direito na Universidade de Coimbra. Enquanto se aguardava o



momento da sua descida às águas, todos os presentes tiveram a oportunidade de ouvir, por intermédio do Irmão Paulo Peixoto, alguns textos inspirados sobre o

batismo bíblico, tal como se apresentam na carta do apóstolo Paulo aos Romanos 6:3 e 4. O Espírito Santo continua assim a chamar homens e mulheres para o



perfeito caminho da liberdade em Cristo, nossa divindade em fonte de vida e de luz. Eram exatamente 16h58 quando a jovem Suzanne Calandrini desceu às águas batismais e ali, solenemente, foi mergulhada pelo Pr.

José Lagoa. Os momentos que se seguiram trouxeram à nossa nova irmã na fé uma visível emoção, que lhe embargou a voz e lhe fez soltar algumas lágrimas pelo seu feliz compromisso. Por último, foram-lhe oferecidos

dois livros e um arranjo floral. O Diploma de Batismo, entregue pela irmã Andreia Silva, Secretária da igreja, comprova o registo da Suzanne Calandrini nos livros da congregação de Coimbra como membro de pleno di-

reito da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Queremos desejar-lhe, num abraço muito fraterno, as maiores bênçãos da parte de Deus até à manifestação visível e gloriosa de Jesus Cristo nas nuvens do Céu. Maranata!

## BATISMOS EM LAGOA

**Luis Carlos Fonseca**  
Pastor da IASD de Lagoa

As igrejas de Lagoa e Portimão receberam cinco novos irmãos como membros seus neste ano, em resultado de uma série de estudos bíblicos. No dia 27 de fevereiro, foram batizados Jaider Silva e as primas Carolina Fernandes e Beatriz Fernandes. O Pr. Paulo Cordeiro esteve presente neste momento especial e prestou o seu auxílio na cerimónia batismal. No sábado 18 de

junho, foi o momento de Diogo Fernandes e Maria Emilia Caetano selarem uma nova vida com Cristo através do santo batismo. Jaider, Carolina e Maria Emilia foram recebidos como membros da igreja de Lagoa. Beatriz e Diogo foram aceites como membros da igreja de Portimão. Após o apelo, algumas pessoas declararam pretender ser preparadas para o batismo num futuro próximo.

Damos graças a Deus pelo compromisso das igrejas envolvidas na prepa-



ração destas almas para o reino de Deus e estendemos as boas-vindas aos novos membros, rogando a Deus as maiores bênçãos para

a sua vida e pedindo que Deus os conserve sempre animados nos caminhos de Jesus e comprometidos em conduzir outros a Cristo.

## JOÃO MARTINS INDIGITADO PARA LIDERAR A ADRA EUROPA

**Corrado Cozzi**  
e **Victor Hulbert**

João Martins foi nomeado para servir como Diretor da ADRA Europa, no seguimento de recomendações avançadas nas Reuniões de Primavera tanto da Divisão Inter-Europeia (EUD) como da Divisão Trans-Europeia (TED). João Martins, que é atualmente o diretor da ADRA para a Divisão Inter-Europeia, terá a sua base de operações em Bruxelas e irá criar uma equipa que coordenará o trabalho da ADRA na Europa e colaborará com os vários diretores

nacionais da ADRA na Europa. A ideia de se criar um escritório pan-europeu tem vindo a ser discutida há já alguns anos, mas acabou por ser adotada durante uma cimeira da ADRA sobre a crise dos refugiados, realizada em Zagrebe, em janeiro deste ano.

João Martins, um cidadão português, vive e respira ADRA. Depois de obter uma Licenciatura em Gestão de Empresas na Universidade de Évora, foi colocado em Angola, tendo-se então encontrado, segundo as suas próprias palavras, “numa situação muito dura”, gerindo projetos de auxílio humanitário

durante a guerra civil. “Esta primeira experiência teve um impacto muito positivo e inesquecível na minha vida. Depois de regressar ao meu país e trabalhar numa empresa multi-nacional, descobri que trabalhar para a ADRA era uma atividade que dava à minha vida muito mais sentido, pois na ADRA eu podia servir Deus e a Humanidade.”

Em resultado desta primeira experiência, João Martins inscreveu-se na Universidade de Reading, no Reino Unido, onde concluiu um mestrado em Estudos Aplicados para o Desenvolvimento. Regressou então a Portugal, onde ser-



viu nos últimos doze anos. Primeiro como Diretor de Financiamento e de Programas e, depois, como Diretor da ADRA Portugal. Durante este período de tempo, ele foi capaz de colaborar com outras ONG's em Portugal, implementando um sistema de programas nacionais e consciencializando a Igreja para a área das questões

sociais. Ele também revelou grande eficácia em desenvolver estratégias de financiamento numa época de sérias limitações financeiras.

Desde outubro de 2015, João Martins tem sido o Diretor da ADRA EUD, o que lhe permitiu tomar conhecimento dos complicados desafios que enfrenta um Diretor de Região, especialmente no contexto do

movimento de refugiados na Europa.

João Martins afirma que, entre os seus objetivos para a ADRA Europa, gostaria de criar uma estrutura regional “que seja capaz de servir eficazmente as delegações nacionais da ADRA nas suas parcerias entre si, com a Igreja, com doadores institucionais potenciais, com outras organizações da

sociedade civil e com a rede da ADRA”.

João Martins é um empenhado Adventista do Sétimo Dia, sendo membro desde 1990, e tem, desde então, desempenhado as funções de Ancião e de líder da juventude ao nível local, regional e nacional. Ele é casado com Auzenda Martins e tem um filho com dez anos. Quando não está a trabalhar nos projetos

da ADRA, gosta de conviver com a família e os amigos, praticar desporto e viajar.

Ele pretende que a ADRA na Europa possa ser uma agência humanitária de referência, refletindo o caráter de Deus na promoção da dignidade humana num mundo que sofre. Para mais informações sobre a ADRA Europa, visite o site [www.adra.eu](http://www.adra.eu).

## DECLARAÇÃO DA ADRA SOBRE O DIA MUNDIAL DO REFUGIADO

ADRA  
Internacional

No dia 20 de junho, em que se assinalou o Dia Mundial do Refugiado, existiam sessenta milhões de pessoas em todo o mundo que se encontravam deslocadas dentro do seu país, procuravam asilo ou viviam como refugiadas noutros países. As Nações Unidas descreveram a crise da Síria, que originou a fuga de aproximadamente metade da sua população, como a maior emergência humanitária da nossa era.

Sendo uma agência humanitária internacional, a ADRA tem uma longa história de assistência às pessoas que se encontram deslocadas devido a conflitos e perseguição. Só entre 2010 e 2015, a ADRA apoiou cerca de cinco milhões de pessoas refugiadas e deslocadas internamente. Atualmente presta ajuda a refugiados, pessoas que procuram asilo, deslocados e retornados na Ásia, em África, no Médio Oriente e nas Américas. A resposta da ADRA à crise da Síria visa responder às necessidades dos deslocados internos na Síria, tra-

balhar com os refugiados e com as pessoas que buscam asilo no Líbano, na Grécia e noutras partes da Europa.

Perante esta crise sem precedentes, a ADRA assinala o Dia Mundial do Refugiado com um apelo à ação. “Apelamos à COMUNIDADE INTERNACIONAL para procurar uma solução oportuna e humana para o reassentamento dos refugiados estagnados na Grécia e noutras partes do mundo. Apelamos igualmente à comunidade internacional que faça face às circunstâncias que levam as pessoas a tornarem-se refugiadas. Apelamos à comunidade internacional para ajudar o Governo Sírio a encontrar uma solução pacífica para o conflito na Síria e a lidar com os conflitos e as preocupações pelos direitos humanos que levam as pessoas a fugir noutros países.

Apelamos aos POLÍTICOS para que se mantenham firmes nas suas convicções e não se deixem influenciar pelo populismo. O que é certo e errado nunca muda. A dignidade humana e os direitos humanos são imutáveis, independentemente da mudança das circunstâncias e da situação económica.

Apelamos aos MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL para que promovam uma cobertura responsável da crise dos refugiados e dos assuntos com ela relacionados. Apelamos para que veiculem informações equilibradas e justas dos acontecimentos, e não alimentem os medos e preconceitos das pessoas.

Apelamos às IGREJAS para que elucidem os seus membros sobre qual deve ser a resposta Cristã a estes acontecimentos e como seguir o exemplo de Jesus, mesmo em momentos difíceis. As igrejas Adventistas na Europa têm colaborado com a ADRA em projetos de apoio aos refugiados nas suas comunidades. Desafiamos as igrejas a ponderarem sobre o papel que devem desempenhar para alcançarem os milhões de pessoas deslocadas em todo o mundo e nas suas próprias comunidades.

Apelamos aos INDIVÍDUOS para que não se deixem levar pelo egoísmo, medo e preconceito. Exortamos para que a resposta a esta crise seja movida pela inteligência, pela compaixão e pelo reconhecimento de que partilhamos a mesma humanidade e os



mesmos direitos humanos. Acreditamos que cada pessoa tem o poder de exercer um impacto positivo no mundo que a rodeia e que há sempre qualquer coisa que se pode fazer para ajudar os refugiados, ainda que seja apenas orar ou manter-se informado sobre a situação.”

Para saber mais sobre o trabalho da ADRA junto dos refugiados e para ler as histórias de alguns refugiados que conhecemos, visite [www.adra.org.pt](http://www.adra.org.pt) ou <https://adra.org/refugees/>. Para tomar conhecimento sobre o que pode fazer em prol dos refugiados, assine a nossa petição. Para transferir recursos que possam ser utilizados pela sua igreja com a finalidade de apoiar os refugiados, visite <https://www.adventist.org/en/information/special-days/refugees/>.



# Por que *razão* Adão e Eva *não morreram* imediatamente?

“E ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo: De toda a árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore da ciência do bem e do mal, dela não comerás; porque, no dia em que dela come-

res, certamente morrerás” (Gênesis 2:16 e 17).

Porque Adão e Eva não morreram no dia exato em que comeram do fruto proibido, é, por vezes, afirmado que, dado que um dia é para o Senhor como mil anos (II Pedro 3:8), e dado que Adão viveu

menos do que mil anos (Gênesis 5:5), Adão realmente morreu durante aquele “dia” de mil anos. Outra explicação comum é a de que Adão e Eva *começaram* a morrer imediatamente. Um terceiro ponto de vista é o de que a pena de morte foi comutada, porque Deus



prometeu um Salvador em Gênesis 3:15. No entanto, uma compreensão correta das expressões hebraicas usadas na passagem apontam para outra possibilidade.

No sexto dia da semana da Criação, Deus colocou Adão no Jardim do Éden e disse-lhe que ele podia comer livremente de todas as árvores do Jardim, exceto de uma – a árvore do conhecimento do bem e do mal. Antes de Adão e Eva poderem ser aprovados para a eternidade, a sua lealdade tinha de ser testada. O aviso que lhe fora dado era claro e direto: “No dia em que dela comeres, certamente morrerás.”

### O significado de “no dia em que”

Em Hebreu a expressão “no dia em que” ocorre cinco vezes em Gênesis (2:4; 3:5; 5:1 e 2; 21:8). Uma comparação de diferentes traduções destes versículos revela que ela é traduzida de várias formas, como “no dia em que”, “quando”, “logo que”, etc., dependendo do contexto. Uma razão que explica a variedade de traduções é o facto de a expressão hebraica traduzida “no dia em que” (*b<sup>e</sup>yom* + infinitivo) ser frequentemente imprecisa no que diz respeito ao exato período de tempo que é referido. Pode ser um momento, um dia ou outro período de tempo não especificado. Um uso semelhante de *b<sup>e</sup>yom* ocorre em Gênesis 30:33, em que a expressão *b<sup>e</sup>yom machar* (literalmente, “num dia de amanhã”) significa “num tempo futuro”, referindo-se a um tempo não especificado no futuro, e não a um dia específico. Portanto, a não ser que o contexto indique outra coisa, a expressão *b<sup>e</sup>yom* + infinitivo significa simplesmente “quando”.<sup>1</sup> Embora a tradução “no dia em que” pareça literal, ela induz em erro os leitores portugueses, levando-os a pensar que se refere a um “dia” específico.

Pelo contrário, uma tradução que não usa a palavra “dia”, tal como “quando”, “logo que”, etc., captura melhor o significado da expressão hebraica.

### O significado de “certamente morrerás”

Em Hebreu “certamente” é expresso por um infinitivo absoluto de “morrer”. Ela reforça a noção de “certeza”.<sup>2</sup> Em Gênesis 2:17 a sua função é a de sublinhar a certeza da morte, não o tempo da morte.

Um paralelo interessante com Gênesis 2:17 existente em I Reis 2 pode ajudar a explicar isto. Segundo I Reis 2:36-46, Salomão colocou Shimei sob prisão domiciliária, com um sério aviso que contém um paralelo gramatical com Gênesis 2:17. “Porque há de ser que, no dia em que saíres [*b<sup>e</sup>yom* + infinitivo] e passares o ribeiro de Cedron, saberás com certeza [infinitivo + verbo finito] que certamente morrerás [infinitivo + verbo finito]; o teu sangue será sobre a tua cabeça” (I Reis 2:37; cf. v. 42).

Três anos mais tarde, dois dos servos de Shimei fugiram. Shimei foi até Gath e trouxe-os de volta para casa. Algum tempo após o regresso de Shimei, Salomão foi informado sobre o incidente e mandou prender e executar Shimei. Embora não seja dito quanto tempo levou para Salomão ser informado, uma tal série de eventos normalmente implicaria vários dias, o que significa que a execução de Shimei não aconteceu no dia da sua partida. Portanto, as palavras de aviso de Salomão no v. 37 (“Porque há de ser que, no dia em que... saberás com certeza que certamente morrerás”) não significavam que Shimei certamente morreria no dia da sua partida. Em vez disso, as palavras de Salomão enfatizavam a certeza da pena de morte aplicada a Shimei e

não o tempo da sua execução. Isto é, assim que ele violasse o seu acordo, Shimei estava destinado a morrer, mesmo se a sua execução não ocorresse nesse mesmo dia.

### As palavras de Deus eram verdadeiras

As palavras de Deus em Gênesis 2:17 não significavam que a morte de Adão ocorreria no dia em que ele comeu do fruto proibido, mas sim que, a partir do momento em que ele comesse do fruto, a sua morte seria certa. A frase hebraica pode ser traduzida do seguinte modo: “Logo que comas dele, estás certamente destinado a morrer.” É por isso que a afirmação contrária da serpente não foi a de que Adão e Eva *não* morreriam “nesse dia”, mas que eles “certamente não morreriam” (Gênesis 3:4). Como se veio a revelar, a sentença de Gênesis 2:17 foi, de facto, cumprida. Adão e Eva foram expulsos do Éden e morreram. Embora as palavras da serpente fossem parcialmente verdadeiras (i. e., os olhos deles foram abertos e eles passaram a conhecer o bem e o mal [Gênesis 3:5, 22]), as palavras de Deus não foram apenas parcialmente verdadeiras, mas sim totalmente verdadeiras.

A morte de Adão e Eva testemunhou sobre a realidade de que “o salário do pecado é a morte” (Romanos 6:23). No entanto, “assim como todos morrem em Adão, assim, também, todos serão vivificados em Cristo” (I Coríntios 15:22). ✨

• **Tarsee Li**  
Teólogo

1. veja L. J. Coppes, “ywm” in *Theological Wordbook of the Old Testament*, ed. R. Laird Harris, et. al., 2 vols, Chicago, IL: Moody Press, 1980, vol. 1, pp. 370 e 371.

2. Bruce K. Waltke e M. O'Connor, *An Introduction to Biblical Hebrew Syntax*, Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 1990, p. 584; veja também a totalidade da discussão nas pp. 584-588.

# A Segunda Vinda e o tempo de angústia

UM TEMPO EXCELENTE  
PARA SE ESTAR VIVO

.....

**T**enho ouvido frequentemente expressar este sentimento: “Espero que Jesus não venha durante a minha vida. Eu nunca conseguiria passar pelo tempo de angústia!” Considerando o modo como é apresentado o “tempo de angústia” que precede a Segunda Vinda de Jesus, não surpreende que muitas pessoas temam o regresso de Cristo. De facto, eu lembro-me vividamente do impacto poderoso que os ensinamentos Adventistas sobre o tempo de angústia tiveram sobre mim quando eu era criança. Os meus temores infantis eram suficientemente fortes, mas, de algum modo, eles podem ser ainda maiores para um adulto. Afinal, eu agora teria muito mais a perder: uma casa, as poupanças para a reforma, uma esposa, dois filhos. Eu tenho dificuldade em antecipar com gosto o ter que me esconder em cavernas ou ter os meus cheques e o meu cartão de débito destruídos porque não adoro a

besta. Eu sei que a Bíblia compara os tumultos dos últimos dias com as dores de parto. Mas, se me for dado escolher, eu prefiro optar por algum tipo de anestesia epidural cósmico – um parto sem dor.

## O tempo de angústia na Bíblia

A frase “o tempo de angústia” ocorre apenas em Daniel, que prediz “um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação, até àquele tempo” (Dan. 12:1). Mateus 24 (com paralelos em Lucas 21 e Marcos 13) refere-se a guerras, terremotos, fomes, tumultos na Natureza e outras crises semelhantes que acompanham o tempo do fim. Jesus diz aos discípulos que eles passarão por tribulações, serão odiados e mesmo mortos por causa d’Ele (v. 9). Ele também fala de uma “abominação da desolação” (v. 15), uma entidade que os comentadores da Bíblia veem como sendo um anticristo perseguidor. Em linguagem paralela a Daniel 12, Cristo prevê “uma

grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora” (v. 21). Estas perturbações são referidas como sendo as “dores de parto” (v. 8).

Algumas das mais vívidas representações das aflições finais da Terra aparecem no Apocalipse de João: Imagens expressivas de perseguição, do poder feroz da besta que conspira para levar à morte aqueles que se recusarem a adorá-la, de taça após taça de cólera divina e de lutas sangrentas que precederão o grande dia do Senhor. Ao soarem as trombetas, os ventos são soltos, as pragas começam, os poderes do mal reúnem-se para esmagar os justos e o grito sobe ao Céu: “Até quando, Senhor?”

Outros escritores bíblicos também se referem a acontecimentos traumáticos antes da restauração final de todas as coisas. Jeremias, como Mateus, usa a linguagem descritiva do parto para retratar a angústia do povo de Deus antes da reconciliação final. Depois

de descrever um homem em agoniante trabalho de parto, Jeremias exclama: “Ah! Porque aquele dia é tão grande, que não houve outro semelhante! E é tempo de angústia para Jacob: ele, porém, será livrado dela” (Jeremias 30:7). Embora o contexto imediato desta passagem seja o regresso do exílio de Babilônia, muitos acadêmicos bíblicos veem nela uma referência mais ampla ao conflito que ocorrerá antes da grande reunião da era messiânica e também ao tempo de angústia que precede imediatamente a Segunda Vinda de Jesus.

Os ensinamentos bíblicos sobre o tempo de angústia ou sobre a tribulação seguem um padrão bíblico maior, que emerge através dos retratos da história da salvação. O nascimento de uma nova ordem ou de uma ordem renovada é sempre precedido por um período

de trauma e de caos. Este período de catástrofes e de caos pode ser visto como um juízo divino sobre aqueles que rejeitam Deus ou como a libertação dos fiéis a Deus. Embora as multidões rejeitem Deus, um remanescente fiel, que segue Deus a qualquer custo, acabará por ser salvo.

A história da Criação provê temas que documentam tais transições do caos para a ordem, tal como também as histórias do Dilúvio, da peregrinação de Abraão e do Êxodo. A tribulação final é vista pelos acadêmicos como seguindo estes motivos introduzidos anteriormente nas Escrituras. Os motivos transicionais em geral incluem as trevas num mundo em rebelião, o soprar dos ventos, o secar das águas, tentações enganadoras, dores de parto, pragas e juízos divinos, a fidelidade de um

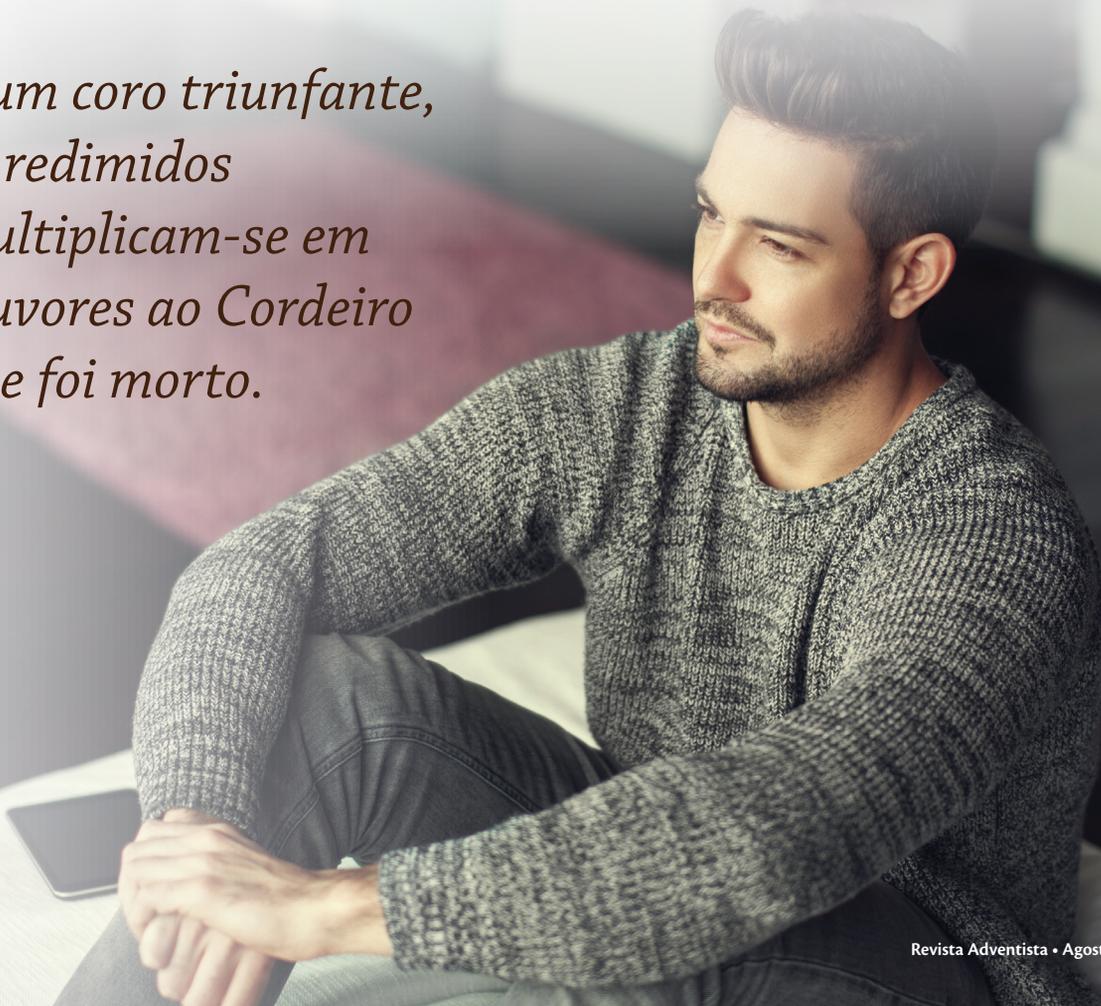
remanescente, a libertação final do povo de Deus e o nascimento de um novo céu e de uma nova Terra.<sup>1</sup>

### **Porquê tais perturbações?**

Este ciclo repetido através de toda a história da salvação levanta uma questão lógica. Porque não passar ao lado do trauma e seguir diretamente para a salvação?

Eu posso avançar tentativamente uma resposta, fazendo notar a natureza do engano conhecido como “pecado”. Este ciclo foi iniciado por alguém que é descrito como “mentiroso e pai da mentira” (João 8:44). Desde o início, o núcleo podre do pecado foi envolvido na promessa sedutora de um brilhante engano. O pecado – rebelião contra Deus e afastamento de Deus – é apresentado como uma alternativa realizadora e promotora de uma vida

*Num coro triunfante,  
os redimidos  
multiplicam-se em  
louvores ao Cordeiro  
que foi morto.*



feliz. Deus é apresentado como sendo um ser egoísta, em Quem não se pode confiar, que consegue manter as Suas criaturas em submissão a Si apenas através de ameaças de morte (Gén. 3:1-5) ou de subornos (Job 1:1-12).

Ao longo da história humana, Deus revelou-Se como resposta às mentiras de Satanás. Ele dividiu dramaticamente o Mar Vermelho e conduziu Israel para a segurança. Ele estabeleceu uma aliança, tropejando do Monte Sinai, e fez sair água da rocha, fazendo o maná aparecer sobre o solo. Ele falou através de uma sucessão de profetas. Depois, no Seu maior ato de auto-revelação, Ele enviou o Seu próprio Filho. As mãos perfuradas, estendidas sobre a cruz, demonstram dramaticamente a profundidade e a intensidade do amor de Deus e o Seu desejo de manter a Palavra empenhada junto dos Seus filhos. Um túmulo vazio transmite a certeza do Seu poder sobre a morte e sobre qualquer dilema humano.

Aparentemente, qualquer uma destas demonstrações de poder e amor, especialmente a cruz, seriam suficientes para destruir a ilusão da mentira original de Satanás. A existência de Deus, o amor de Deus e as verdadeiras consequências do pecado, tudo isto foi demonstrado poderosamente pela ação de Deus na História. Mas, estranhamente, estas lições passam frequentemente ao lado da rebelde raça humana. É verdade que o poder deslumbrante da ilusão do pecado diminui ocasionalmente perante algum mal particularmente perturbador. Mas a amnésia instala-se rapidamente ou as pessoas chegam a usar tais manifestações do pecado em ação como evidências contra Deus.

Mas há algo de diferente nesta série final e tempestuosa de eventos. Enquanto a história da Terra foi certamente pontuada com episódios de horror, Deus tem pacientemente impedido o impacto pleno do poder destrutivo do pecado.

Mas, no fim das eras, de uma vez por todas, Deus tem que remover o Seu poder restritivo e expor a verdadeira realidade do lado negro da rebelião cósmica.

Embora este retirar do poder restritivo de Deus seja um ato divino de juízo e de revelação, como todas as manifestações da “cólera de Deus”, há nele uma componente de “deixar à sua sorte” os pecadores, de modo a que os verdadeiros princípios do inimigo de Deus e os resultados finais do princípio do pecado sejam revelados. “Satanás mergulhará então os habitantes da Terra numa grande angústia final. Quando os anjos de Deus deixarem de conter os ventos impetuosos das paixões humanas, todos os elementos de contenda ficarão à solta.”<sup>2</sup>

Antes de tudo estar terminado, todas as pessoas vivas terão de tomar uma decisão sobre quem vão adorar. Toda a gente tem de tomar uma posição face a estes acontecimentos. Multidões oferecem a sua fidelidade à besta, en-



quanto um remanescente adora o Deus Criador. Ao ficar o mundo polarizado, emerge uma forte claridade. Os princípios sedutores que hipnotizaram a maior parte do mundo são revelados como mentiras horríveis e destrutivas. A fidedignidade de Deus é justificada. E o ciclo cessa. O Planeta caído é finalmente restaurado. A velha ordem passa, para nunca mais regressar.

### **O tempo de angústia – um tempo de esperança e de certeza**

O resultado deste tempo pode ser positivo, mas ainda assim a maioria dos crentes tem medo até de pensar em passar por ele. Eu gostaria de avançar a ideia revolucionária de que ele pode ser, de facto, a melhor época da história para se estar vivo. E digo isto sem me agarrar ao pensamento, aliás verdadeiro, de um futuro em que todo este mal será finalmente corrigido. Também não é apenas uma questão de ganhar coragem graças à certeza de que o pão e a água nos serão dados (Isa. 33:16), ou de que os nossos anjos da guarda nos irão proteger das ameaças que nos poderiam extinguir num segundo. A verdadeira glória deste tempo reside na verdade paradoxal de que a presença de Deus tornar-se-á especialmente real e, ousado dizê-lo, especialmente gratificante para nós durante estes dias difíceis. Eis aqui algumas razões que me fazem pensar assim.

Primeiro, vale a pena notar a reviravolta portadora de esperança e de surpresa que caracteriza as passagens bíblicas que preveem os tumultos dos últimos dias. De facto, nenhuma delas parece estar particularmente preocupada com qualquer angústia. Em vez disso, a ênfase é posta sobre o livramento

e o triunfo. Embora Daniel prediga um grande tempo de angústia, quando vista no seu contexto essa angústia, tal como ele a descreve, parece ser apenas um breve à parte. As descrições de Daniel estão recheadas com afirmações de esperança e de livramento. Os santos do Altíssimo são retratados não como pessoas esmagadas pelo sofrimento, mas sim como pessoas num estado feliz e liberto, brilhando “como o resplendor do firmamento” (Dan. 12:3).

Jesus prevê uma variedade de dores de parto no Seu discurso no Monte das Oliveiras. Mas, Ele interrompe a Sua descrição de guerras e de transtornos mundiais para dizer: “não vos assusteis” (Mat. 24:6). Ele também promete que, “por causa dos escolhidos, serão abreviados aqueles dias” (Mat. 24:22). O sinal mais significativo da Sua vinda não são os eventos angustiantes, mas a pregação do Evangelho a todo o mundo (Mat. 24:16). E a comparação com os dias de Noé, quando as pessoas foram apanhadas imersas nos prazeres e na prosperidade, sugere que o tom geral de uma boa parte da história final da Terra será também o de uma prosperidade enganadora, e não apenas o de eventos angustiantes sem fim.

O Apocalipse, livro que apresenta as mais horríveis imagens dos tumultos finais da Terra, está cheio de hinos de louvor. As imagens mais significativas não são as da besta ou as das pragas ou as do derramamento de sangue, mas as dos santos que cantam e a do Cordeiro triunfante.

Segundo, eu penso que as promessas de Deus tornar-se-ão reais para nós de um modo que a maioria de nós nem consegue sequer imaginar. Uma passagem-chave que expõe este tema encontra-se

em Romanos 8. Face à tribulação, à aflição e à perseguição, nós “somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou” (Rom. 8:37) e não haverá então absolutamente nada na Criação que “nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rom. 8:39). Podemos também ganhar coragem na garantia dada por Jesus: “No mundo tereis aflições, mas, tende bom ânimo, eu venci o mundo” (João 16:33).

Alguns dos Salmos, originalmente expressões de fé perante experiências como a fuga de David diante da ameaça de Saul, podem tornar-se ainda mais luminosos face à tribulação final da Terra. O Salmo 27:5, por exemplo, afirma que “no dia da adversidade me esconderá no seu pavilhão”. Também é encontrada segurança no versículo 7 do Salmo 32: “Tu és o lugar em que me escondo; tu me preservas da angústia: tu me cinges de alegres cantos de livramento.” O Salmo 59:16 retrata Deus como “o meu alto refúgio e proteção no dia da minha angústia”. O Salmo 138:7 exprime um pensamento semelhante: “Andando eu no meio da angústia, tu me revivificarás: estenderás a tua mão contra a ira dos meus inimigos e a tua destra me salvará.” O Salmo 91:2 descreve Deus como “o meu refúgio, a minha fortaleza”. O Salmista promete-nos que Deus “te cobrirá com as suas penas, e debaixo das suas asas estarás seguro” (Sal. 91:4).

Terceiro, eu creio que iremos experimentar durante o tempo de angústia um sentimento de propósito e de vitalidade sem precedentes. Peça a qualquer pessoa que descreva os momentos da sua vida em que se sentiu verdadeiramente vivo e as respostas apresentarão um padrão claro.



Elas falam acerca dos tempos de desafios, dos tempos de adversidade, dos tempos em que elas foram provadas até ao limite. Os veteranos do exército reúnem-se para partilhar as suas histórias da guerra. Os atletas falam da aflicção corrida de esqui ou da maratona agonizante. Independentemente da ocasião, o padrão é o mesmo. Nós celebramos o crisol, não a poltrona confortável. Até que chega o dia em que, subitamente perante as convulsões finais na Terra, o sentido da vida aparece nitidamente. Todas as outras questões são engolidas pela grande questão, a única questão verdadeiramente importante – o tema da lealdade suprema. Quem é merecedor da nossa adoração? É Jesus verdadeiramente o Senhor ou não? É Ele o Senhor da nossa vida? À medida que experimentamos durante este tempo terrível o carácter senhorial de Jesus de formas novas e poderosas, à medida que a “chuva serôdia” do Espírito Santo nos encharca e um sem número de distrações ficam pelo caminho, eu creio que experimentaremos uma vida e uma vitalidade que nunca experimentámos antes.

Quarto, vamos experimentar uma profunda transformação pessoal durante este tempo. Os Adventistas do Sétimo Dia têm-se referido ao conflito final e pessoal do povo de Deus como sendo “o tempo de angústia de Jacob”. Isto

é uma referência a uma luta íntima, não com a besta e com os poderes externos do mal, mas conosco mesmos e no interior de nós mesmos. O propósito desta experiência está para além do desmascarar a malignidade de Babilónia exibida “no exterior”, pois ela confronta-nos com as diversas formas do mal instalado no interior do nosso próprio coração. A noite de conflito experimentada por Jacob é uma metáfora adequada porque, na densa escuridão da noite, ele sente subitamente sobre si a mão de um Estranho. Dominado pelo medo e pelo desespero, ele luta até ao ponto da exaustão absoluta. Durante um momento esperançoso, ele obtém um novo assomo de energia. O Estranho pede-lhe que o liberte antes do nascer do Sol. O Estranho toca-lhe na coxa. Jacob colapsa, dominado por uma dor aguda. Quando, à luz da madrugada, ele sai coxeando para se encontrar com Esaú, poderia aparentar ter ficado diminuído em consequência da sua noite de luta. Mas ele não ficou diminuído – ele foi transformado. O novo nome que recebeu é um reconhecimento adequado da sua nova realidade. Assim, o tempo da angústia de Jacob, que será experimentado no fim dos tempos pelos crentes leais a Cristo, tem sido descrito como “a melhor resposta às suas petições”<sup>3</sup> por purificação e transformação.

Finalmente, nunca deveremos perder de vista o facto de que to-

das estas tribulações são apenas o prólogo de algo estupendo. Elas são apenas o prelúdio de uma alegria futura que está para além da nossa imaginação. Embora já tenhamos visto mães felizes com o seu bebé uma vez passada a angústia do parto, ainda não vimos Cristãos depois de ultrapassado o tempo de angústia. Mas João dá-nos um vislumbre dos salvos que se reúnem no mar de vidro, cantando o hino de Moisés e do Cordeiro. Num coro triunfante, os redimidos multiplicam-se em louvores ao Cordeiro que foi morto (Apocalipse 5).

### O hino de triunfo

E esse hino de triunfo pode começar bem antes da nossa chegada ao Céu. Nas palavras do teólogo Walter Wink: “A celebração da vitória divina não acontece no fim do livro do Apocalipse, depois da luta ter terminado. Em vez disso, ela surge precisamente ao longo do caminho. [...] Não temos aqui peregrinos sóbrios que sobem austeramente o monte das lágrimas, mas cantores que gozam o conflito porque ele confirma a sua liberdade. Mesmo no meio do conflito, sofrendo ou sendo prisionados, subitamente um hino perfura a melancolia, as hostes celestiais rompem num poderoso hino coral e o nosso coração fica mais leve.”<sup>4</sup>

Ao aproximar-se a angústia, que comece o hino! ♪

• **Calvin Thomsen**  
Pastor

1. Para uma discussão sobre a linguagem e os ciclos da história da salvação, veja Jon Paulien, *What the Bible Says About End-Time*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 1994.

2. Ellen G. White, *O Grande Conflito*, P. SerVir, 2009, p. 512.

3. Ellen G. White, *O Grande Conflito*, P. SerVir, 2009, p. 524.

4. Walter Wink, *Engaging the Powers*, Minneapolis, Minn.: Fortress Press, 1992, p. 321.



## O elo perdido

**N**os primeiros anos do século XX, Charles Dawson, um geólogo amador, descobriu o primeiro de uma série de ossos que, no seu conjunto, viriam a ser conhecidos como pertencendo ao *Homem de Piltdown*. Dawson levou os ossos para o Museu Britânico, onde eles foram examinados por Arthur Woodward, o curador do Departamento de Antropologia. Este declarou que os restos ósseos achados por Dawson pertenciam ao elo perdido, isto é, ao suposto elo evolutivo que ligaria os símios ao homem. Durante as décadas seguintes, o *Homem de Piltdown* foi considerado como o exemplo por excelência do mais próximo ancestral da

espécie humana. Mas de 1930 a 1950 outras descobertas semelhantes pareciam lançar dúvidas sobre a autenticidade do *Homem de Piltdown*, pelo que, em 1953, os seus ossos foram novamente examinados. Durante esse processo descobriu-se que, em vez de pertencerem ao famoso elo perdido, os ossos de *Piltdown* eram a combinação de um crânio humano, de um maxilar de orangotango e de um dente de chimpanzé. Os ossos tinham sido artificialmente manchados com um produto químico e os dentes tinham sido desgastados para simular um padrão de uso semelhante ao dos humanos. Tudo isto tinha sido feito para enganar os antropólogos e os ar-

queólogos, de modo a fazê-los pensar que tinham encontrado o elo perdido. Embora não se saiba ao certo quem foi o autor do logro, acredita-se que terá sido Martin Hinton, um antigo empregado de Arthur Woodward. De facto, em 1996, foi encontrada no Museu Britânico uma mala que pertencera a Martin Hinton. Ela continha outros ossos manchados do mesmo modo que os ossos de *Piltdown*. Supõe-se que Hinton, a quem Arthur Woodward tinha negado um aumento de salário, realizou a fraude de modo a desacreditar profissionalmente o seu chefe. ✂

Retirado da revista *Guide*

COMO TUDO  
COMEÇOU  
(1827-1860)

# Mensageira de Deus

**N**o fim de 1845, Ellen Harmon, que tinha então dezoito anos, escreveu ao editor da revista Adventista millerita, em Cincinnati, Ohio. Na sua carta ela descrevia os principais pontos da visão que Deus lhe havia concedido um ano antes, em dezembro de 1844, sendo essa a primeira de centenas de visões e sonhos proféticos que ela viria a receber durante a vida. Ela nem imaginava

que essa carta seria a primeira de milhares de cartas, artigos, panfletos e livros escritos por ela durante os setenta anos seguintes, até à sua morte em 1915. Após o seu casamento com James White, em 1846, ela passou a ser conhecida como Ellen G. White.

#### No início

Ellen e a sua irmã gêmea Elizabeth eram as filhas mais novas entre os oito filhos de Robert e

Eunice Harmon. A família vivia em Gorham, Maine, onde as meninas nasceram no dia 26 de novembro de 1827. Mais tarde, a família mudou-se para Portland, Maine. Certo dia, tendo as meninas nove anos, ao atravessarem um pequeno parque em direção a casa, uma colega de turma, zangada, atirou uma pedra que atingiu Ellen no rosto. O acidente marcou-a para o resto da vida. Inicialmente a família não

esperava que ela sobrevivesse. Quando finalmente ela recuperou o suficiente para regressar à escola, a sua mão tremia tanto que ela não conseguia segurar a caneta. Além disso, quando tentava ler, as palavras pareciam misturar-se na página do livro. A sua educação formal terminou nesse ano. A partir dessa data, Ellen tornou-se autodidata.

Os pais de Ellen eram Metodistas, e, aos quatorze anos, ela uniu-se à Igreja Metodista. Quando William Miller, o arauto do Advento, pregou em Portland sobre a proximidade da Segunda Vinda de Cristo, tal como estava prevista pela profecia das 2300 tardes e manhãs de Daniel 8:14, Ellen ficou entusiasmada com a ideia. Mas, por ter aderido às ideias de Miller, a família Harmon foi excluída da Igreja Metodista que frequentava em Portland.

### Além do desapontamento

Quando Jesus não regressou em 22 de outubro de 1844, Ellen e muitos outros milleritas ficaram terrivelmente desapontados. Foi então que Deus comunicou a Ellen a sua primeira visão, em que se descrevia a viagem do povo de Deus pelo caminho estreito que levava à

Cidade Santa. Jesus ia à frente do Seu povo e, se os crentes mantivessem os olhos fixos n'Ele, chegariam certamente ao seu destino celestial. A visão trouxe coragem a Ellen e a outros milleritas. Enaltecer Jesus tornar-se-ia numa das marcas do ministério de Ellen White.

Após as suas primeiras visões, Deus instruiu Ellen a partilhar com os outros – oralmente e por escrito – o que Ele lhe tinha mostrado. Com o seu temperamento introvertido, e com uma mão que ainda tremia quando ela escrevia, a tarefa parecia impossível. Mas Deus prometeu que, caso ela aceitasse o Seu chamado para ser Sua mensageira, Ele estaria com ela quando falasse e firmaria a sua mão quando escrevesse. Relutantemente, ela aceitou o chamado. Por sua vez, Deus foi fiel em cumprir o que lhe tinha prometido.

Ellen Harmon casou-se com James White, um jovem pastor millerita. O casal teve quatro filhos: Henry Nichols, James Edson, William Clarence e John Herbert. Os quatro nasceram entre 1847 e 1860. Tragicamente, o mais novo morreu quando tinha apenas três meses de vida, em 1860. Pouco depois de se terem casado, o ca-

sal aceitou a verdade do Sábado, que lhe fora apresentada por Joseph Bates, um comandante da marinha mercante reformado, que também tinha sido um pregador millerita.

### Início do ministério

Em 1848, Deus deu instruções a Ellen, em visão, para que o seu marido comesse a publicar um pequeno jornal. Embora esse jornal fosse pequeno no início, foi-lhe dito que ele se tornaria como raios de luz rodeando o mundo. Naquele mesmo ano, o Senhor também lhe comunicou que os Adventistas deveriam abandonar o tabaco, o chá e o café. A mensagem da saúde tornar-se-ia num dos aspetos mais destacados do seu ministério.

Especialmente durante 1848 e 1849, Ellen e o seu marido uniram-se a Joseph Bates e a outros Adventistas para definir as principais doutrinas bíblicas do que viria a ser, futuramente, a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Todas as doutrinas Adventistas resultaram do estudo intensivo da Bíblia. Nenhuma dessas doutrinas teve a sua origem em visões de Ellen White. No entanto, quando uma verdade bíblica era descober-







# O anjo do Natal

Cerca das 3:00 horas da fria madrugada de uma sexta-feira, em dezembro, eu estava a conduzir tão depressa quanto possível em direção ao Centro Médico de Foothills, que ficava a cerca de 10 minutos da minha casa. Na noite do dia anterior eu tinha tropeçado e caído no passeio que levava à casa de um amigo. Na altura eu tinha considerado a queda como um acidente simples, dado que não tinha havido qualquer sangramento. Mas depois de me recolher para dormir, particularmente durante as duas primeiras horas da madrugada, comecei a sentir uma dor terrível no joelho direito. Decidi ir de carro até às Urgências. Fosse qual fosse o problema com o meu joelho, eu confiava que o Hospital me daria, pelo menos, algo que me ajudasse a lidar com a dor.

## Conduzindo com dor

As estradas estavam vazias e em condições excelentes, pois a neve e o gelo tinham derretido completamente. No entanto, eu conduzia com dificuldade ao longo da autoestrada. Agarrei fortemente o volante e procurei combater a dor crescente resultante da pressão que tinha que fazer com o pé nos pedais do carro. Quando passei na Universidade de Calgary, que ficava apenas a três ou quatro minutos do Hospital, eu já estava a sustentar a respiração com medo de perder a minha resistência à dor. Depois, provavelmente porque não estava a respirar de modo normal, senti que estava prestes a desmaiar. Felizmente, consegui impedir que o meu carro se despistasse.

Depressa cheguei à rua que levava ao parque de estacionamento

principal do Hospital. Não havia ninguém. Não havia qualquer carro à minha frente ou atrás de mim quando parei junto à cancela e premi o botão para obter um bilhete de estacionamento. Havia menos de 20 carros estacionados junto da saída do parque de estacionamento que ficava mais perto do Hospital. Eu estacionei cuidadosamente o meu carro num dos lugares vazios.

Depois de abrir a porta do carro, firmei-me sobre a minha perna esquerda. Eu sabia que seria muito difícil retirar a minha perna direita do interior do carro. Quando me dobrei para segurar cuidadosamente na minha perna direita com as duas mãos, ouvi a voz de um homem num tom calmo e quase alegre: “Parece-me que precisa de uma cadeira de rodas. Espere, que eu vou buscar uma para si.”

### **Começam as perguntas**

Eu estava de costas viradas para a voz, pelo que não vi ninguém. Inicialmente pensei que alguém, influenciado pelo espírito natalício, queria auxiliar-me, pelo que não liguei mais ao assunto. Mas, à medida que retirava cuidadosamente a minha perna para fora do carro, comecei a pensar que era extraordinário que alguém estivesse ali àquela hora, especialmente porque eu não tinha visto nenhuma luz de carros a entrar ou a sair do parque de estacionamento quando aí cheguei.

Ao encostar-me ao carro, ocorreu-me que o homem podia ser um segurança do Hospital. Talvez uma patrulha de segurança tivesse visto as luzes do meu carro quando entrei no parque de estacionamento e tivesse vindo até aqui para ver se eu precisava de ajuda.

Pouco depois, eu reparei num homem alto que estava à minha frente, vestido completamente de negro, com uma cadeira de rodas almofadada. Não consegui perceber se ele estava ajoelhado ou de pé; ele estava dobrado sobre as costas da cadeira de rodas e os seus braços alongavam-se sobre ambos os apoios para os braços ao segurá-la para mim. A sua cabeça estava virada para baixo, pelo que não vi o seu rosto, mas notei mechas de cabelo louro que despontavam de baixo do seu boné de lã negro.

“Aqui vamos nós”, disse ele suavemente ao empurrar a cadeira de rodas na minha direção. Lembrou-me de pensar que havia algo de irregular no facto de que eu não tinha reparado de onde ele tinha vindo. Mas estava escuro, havia um pouco de nevoeiro e eu tinha que colocar toda a minha atenção na

tarefa de me deslocar em direção a ele sem colocar muito peso sobre a minha perna direita. Eu disse apenas “Obrigado” e sentei-me cuidadosamente na cadeira de rodas.

Reparei imediatamente que os apoios para os pés da cadeira de rodas estavam precisamente ajustados para a minha altura: o apoio do pé direito estava na altura exata e no ângulo certo para que a minha perna direita pudesse repousar confortavelmente, enquanto o apoio do pé esquerdo estava bem baixo, permitindo-me proteger a minha perna direita e sentar-me numa posição confortável na cadeira de rodas. Eu também reparei como este homem era forte. Não apenas a cadeira de rodas não se tinha movido quando eu me sentei nela, como a velocidade com que ele me empurrou, numa perfeita linha reta ao longo do parque de estacionamento, era realmente notável.

Também notável foi o facto de que o homem nada disse. Ele era do tipo de homens fortes e calados.

### **Sendo simplesmente simpático**

Sáímos rapidamente do parque de estacionamento e subimos para o passeio paralelo ao Hospital, em direção às Urgências. A luz que iluminava todo o passeio parecia convidar a uma amigável troca de ideias. Pensei que deveria começar uma conversa e agradecer ao homem; talvez dar-lhe uma gorjeta. Mas todas as vezes que eu me virava ligeiramente para a direita de modo a falar com ele cara a cara, uma forte dor fulminava toda a minha perna direita. Isto aconteceu várias vezes. Acabei por simplesmente me encostar e dizer: “Muito obrigado. Aprecio realmente a sua ajuda.”

Eu pensei que poderíamos falar sobre o que me tinha acontecido



**“O ANJO DO  
SENHOR ACAMPA-  
-SE AO REDOR DOS  
QUE O TEMEM E OS  
LIVRA.”  
SALMO 34:7.**

e, a partir daí, apresentarmos-nos mutuamente, e, talvez, partilharmos os nossos planos para o Natal. Em vez disso, ele disse num tom de voz firme e natural, como se não houvesse segredos entre nós: “Não se preocupe. Isto é apenas um desvio do que vai na nossa mente e no nosso coração.”

Este comentário pareceu-me estranho. Foi dito de modo tão direto, tão cheio de significado, que pôs fim a qualquer tentativa minha para encetar uma conversa de circunstância. Nesse momento as portas automáticas das Urgências abriram-se e o homem conduziu-me ao longo de todo o corredor da entrada até ao seu lado mais afastado, onde estava a enfermeira que fazia a triagem. Durante o percurso notei como as Urgências estavam vazias. Havia apenas um punhado de pessoas nos cantos, vestidas com casacos, que aguardavam os seus entes queridos que ainda estavam a ser tratados.

Logo que chegámos à área de triagem, detivemo-nos. Pensei instantaneamente que deveria agradecer ao homem e tentar ver quem era ele. Virando-me desta vez para o meu lado direito, olhei na direção em que ele estava, mas ele tinha simplesmente desaparecido; tinha-se eclipsado.

### **Mais perguntas**

Ao aperceber-me deste súbito e inexplicável desaparecimento, e também de tudo o resto que tinha acontecido no parque de estacionamento, senti um arrepio na espinha. Começou-se a formar uma estranha convicção na minha mente. Perguntei-me sobre o que teria eu feito, na condição em que estava, se este homem não tivesse estado ali para me ajudar. Depois ocorreu-me o perigo que teria sido, se este homem fosse um ladrão, ou algo pior

do que isso. Pensei no Salmo 34:7 “O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que o temem e os livra.”

A enfermeira da triagem começou então a fazer-me perguntas, completando o seu exame preliminar e registando-me. Depois fui levado para uma sala de espera e a seguir para o gabinete de Raio-X. A radiografia mostrou que a minha rótula direita estava completamente partida. As extremidades do osso partido estavam torcidas, originando uma dor aguda. Logo que o médico saiu, uma enfermeira alegre e enérgica explicou-me que eu não iria a mais parte nenhuma, que seria levado para um quarto semi-privado e que, nessa mesma manhã, seria submetido a uma operação cirúrgica. Ela sublinhou várias vezes que eu tinha sorte, porque o cirurgião de serviço era um especialista em operações cirúrgicas aos joelhos. “Ele é muito bom; e o seu quarto é novo, estando situado numa enfermagem renovada.” Ela sorriu de modo doce, resumindo os seus planos para a minha vida nos próximos três dias.

Depois da cirurgia, enquanto estava deitado na minha cama de hospital com vários cuidados a serem-me prestados intermitentemente, tudo em que eu conseguia

pensar era no homem que me tinha levado na cadeira de rodas. Refletindo eu no seu surgimento no parque de estacionamento, na cadeira de rodas perfeitamente ajustada e especialmente na sua desapareção impossível no amplo e aberto corredor de entrada do Hospital, os meus pensamentos começaram a focar-se naquele estranho comentário do homem: de que tudo isto era apenas um desvio do que ia na nossa mente e no nosso coração.

*A nossa mente e o nosso coração?* Será que ele sabia que eu faço orações de intercessão pelo mundo a partir de uma grande cidade cada dia de ano novo? Será que ele me acompanhava nisso? Será que ele sabia que eu tinha programado um voo para Houston depois do Natal e que, durante a última semana do ano, eu iria passar algum tempo no principal Centro Comercial da cidade observando as pessoas, fazendo um esforço para pensar os seus pensamentos e sentir os seus sentimentos?

Decidi que, logo que estivesse em casa e o Natal tivesse passado, eu iria telefonar para a empresa de segurança do Hospital e inquirir sobre aquele homem. Uma parte da minha mente achava que a empresa de segurança deveria saber quem ele era. Mas uma outra parte da minha mente sabia o que eles iriam dizer.

Eu telefonei à empresa de segurança do Hospital. Segundo a pessoa com quem eu falei, não há patrulhas de segurança ao parque de estacionamento do Centro Médico de Foothill. Ninguém da equipe de segurança estava de guarda ao parque de estacionamento naquela noite. ❖

**• Jeremy van Dieman**  
*Professor*

# GUIADOS *pela* VERDADE

“.. E VOS ANUNCIARÁ  
O QUE HÁ DE VIR.” JOÃO 16:13.

4-10 DE OUTUBRO

**DIA 4** LIVRE DA ESCRAVIDÃO • **PORTO** • 20H

**DIA 5** FOME E SEDE • **CANELAS** • 20H

**DIA 6** FINOS TRAJES • **COIMBRA** • 20H

**DIA 7** PODES PURIFICAR-ME! • **SETÚBAL** • 20H

**DIA 8** A TRANSFIGURAÇÃO • **LISBOA-CENTRAL** • 11H / 20H

**DIA 9** RESTAURAÇÃO • **LISBOA-CENTRAL** • 20H

**DIA 10** AS COLUNAS DA VERDADE • **FARO** • 20H



LUÍS GONÇALVES

CONFERENCISTA

TRANSMISSÃO EM DIRETO EM [WWW.HOPETV.PT](http://WWW.HOPETV.PT)

ENTRADA LIVRE